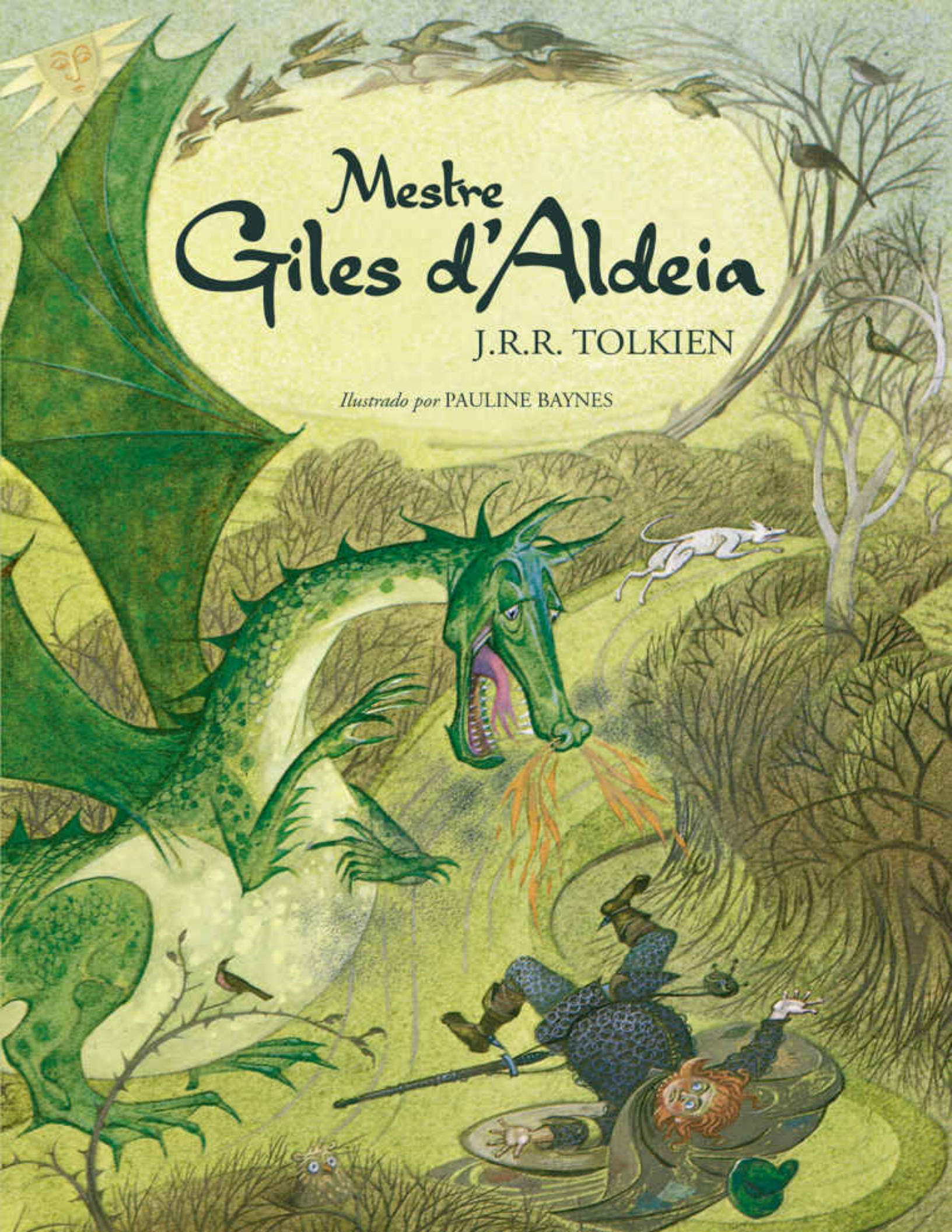




Mestre Giles d'Aldeia

J.R.R. TOLKIEN

Ilustrado por PAULINE BAYNES



Mestre
Giles d'Aldeia



J.R.R. TOLKIEN

Mestre
Giles d'Aldeia

Tradução de
ROSANA RIOS

com ilustrações de
PAULINE BAYNES



RIO DE JANEIRO, 2021

Título original: *Farmer Giles of Ham*
Copyright © © The Tolkien Trust, 1998
Edição original por HarperCollins *Publishers*, 1998
Todos os direitos reservados à HarperCollins *Publishers*.
Copyright de tradução © Casa dos Livros Editora Ltda., 2020

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins *Publishers* ou de sua equipe editorial.



®e TOLKIEN® são marcas registradas de J.R.R. Tolkien Estate Limited.

Publisher *Samuel Coto*

Editora *Brunna Castanheira Prado*

Produção gráfica *Lúcio Nöthlich Pimentel*

Preparação de texto *Leonardo Dantas do Carmo*

Revisão *Guilherme Mazzafera, Gabriel Oliva Brum, Daniela Vilarinho*

Diagramação *Sonia Peticov*

Projeto gráfico e capa *Alexandre Azevedo*

Produção de ebook [S2 Books](#)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

Tolkien, J.R.R., 1892-1793
Mestre Giles d'Aldeia / J.R.R. Tolkien; tradução Rosana Rios. — 1. ed. — Rio de Janeiro, RJ: HarperCollins, 2021.

Tradução de: *Farmer Giles of Ham*
ISBN 9786555111309

1. Fantasia — Ficção 2. Ficção inglesa I. Título.

21-56576

CDU 823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura inglesa 823

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

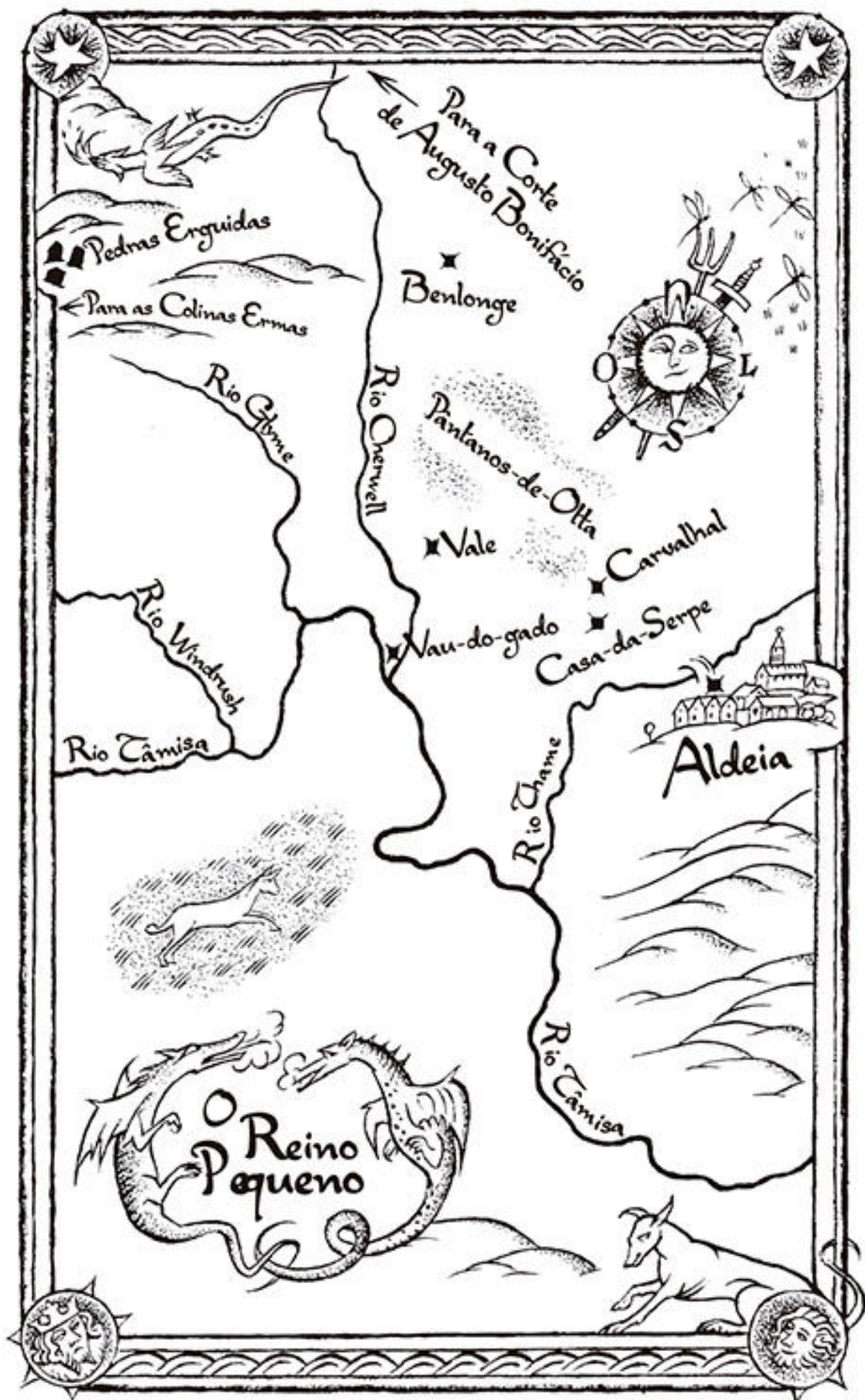
HarperKids Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.
Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

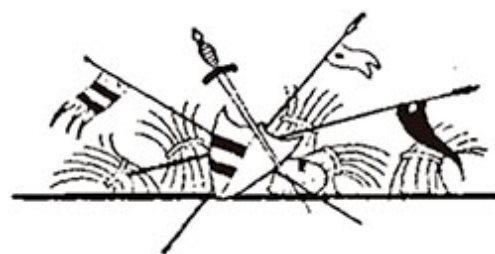
Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro
Rio de Janeiro — RJ — CEP 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.harpercollins.com.br

**Ægidii Ahenobarbi
Julii Agricole de Hammo
Domini de Domito
Aule Draconarie Comit
Regni Minimi Regis et Basilei
mira facinora et mirabilis exortus**

ou, na língua do povo,

***A Ascensão e as Maravilhosas
Aventuras do Fazendeiro
Mestre Giles, Senhor de Domes,
Conde da Casa-da-Serpe
e Rei do Reino Pequeno***





Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

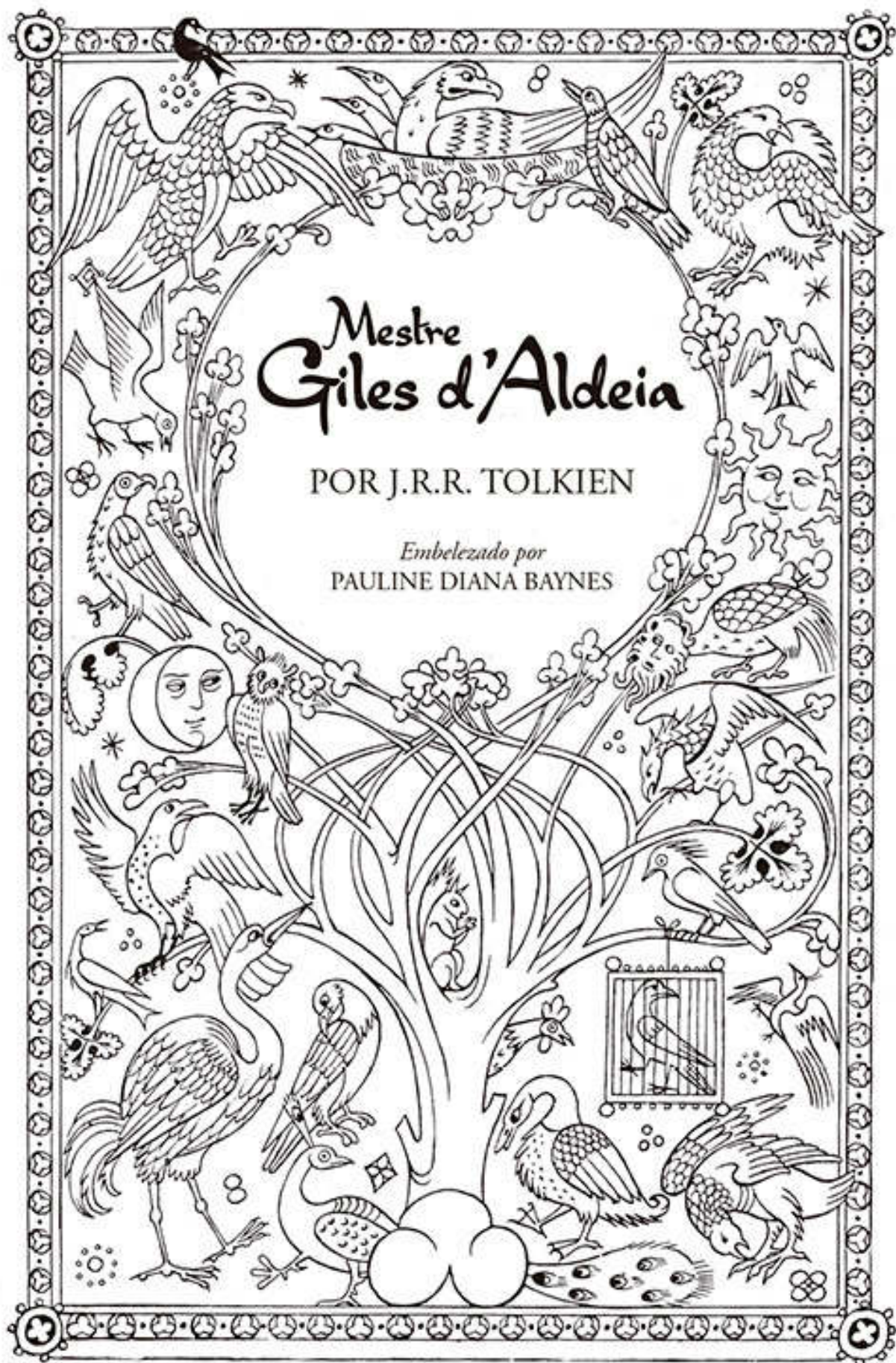
[Dedicatória](#)

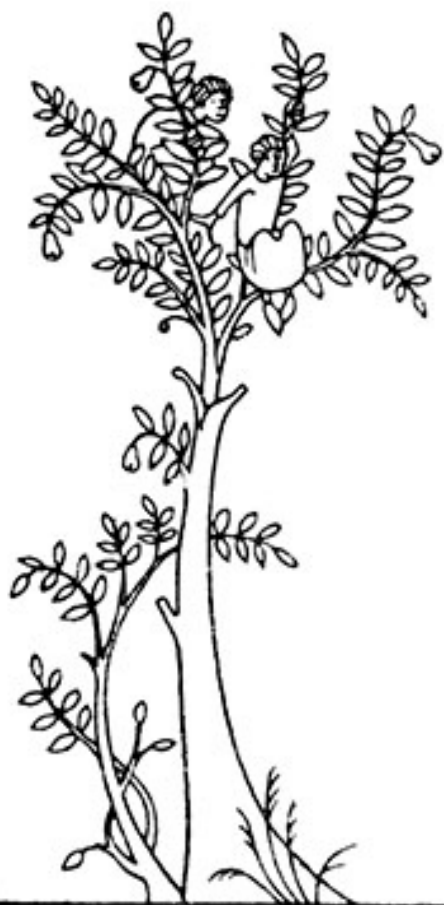
[Prólogo](#)

[Mestre Giles d’Aldeia](#)

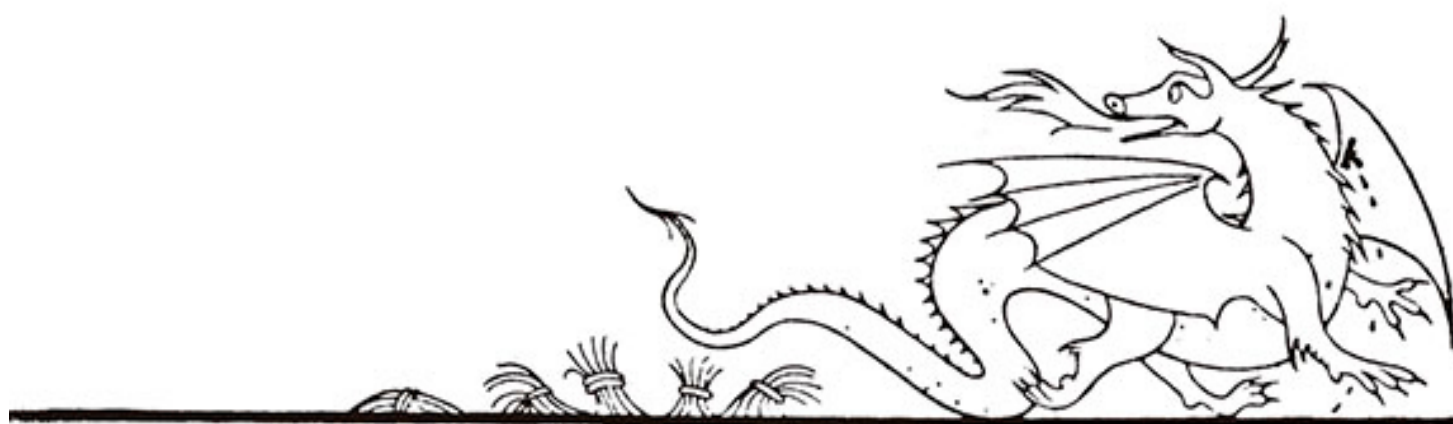
[Epílogo](#)

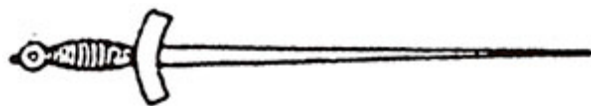
[Galeria de imagens](#)





Prólogo





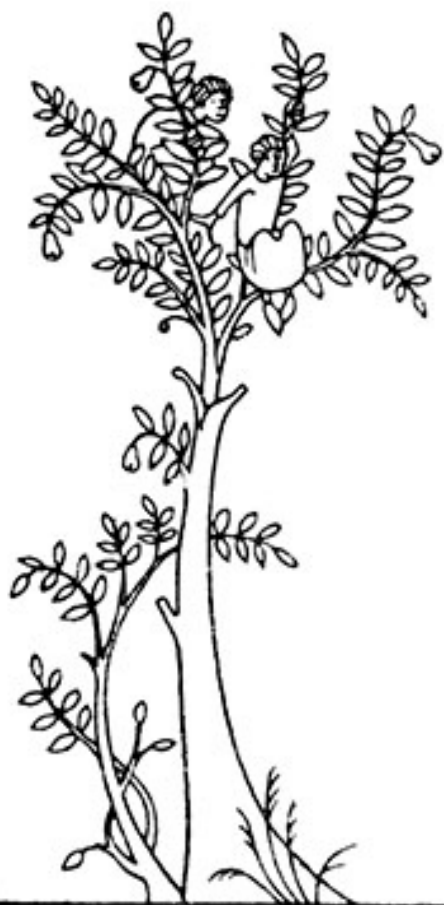
Da história do Reino Pequeno restam poucos fragmentos; porém, por acaso, um relato de sua origem foi preservado. Talvez seja uma lenda, mais que um relato; pois é evidente que se trata de uma compilação tardia, cheia de maravilhas, e derivada não de registros sérios, mas das baladas populares a que seu autor se refere com frequência. Para ele, os fatos que relata já faziam parte de um passado distante; contudo, ele mesmo pode ter vivido nas terras do Reino Pequeno. Todo o conhecimento geográfico que esse autor demonstra (e que não é seu ponto forte) trata daquele território, ao passo que das regiões fora dele, para o norte ou para o oeste, ele parece ser totalmente ignorante.

Um dos motivos para traduzirmos este conto curioso, de um latim acentuadamente insular para a língua moderna do Reino Unido, pode estar no olhar que ele nos oferece sobre como era a vida em uma época obscura da história da Grã-Bretanha, sem falar no esclarecimento que essa história nos dá sobre a origem dos nomes complicados de algumas localidades. Há também quem ache interessantes por si mesmas a personalidade e as aventuras de seu herói.

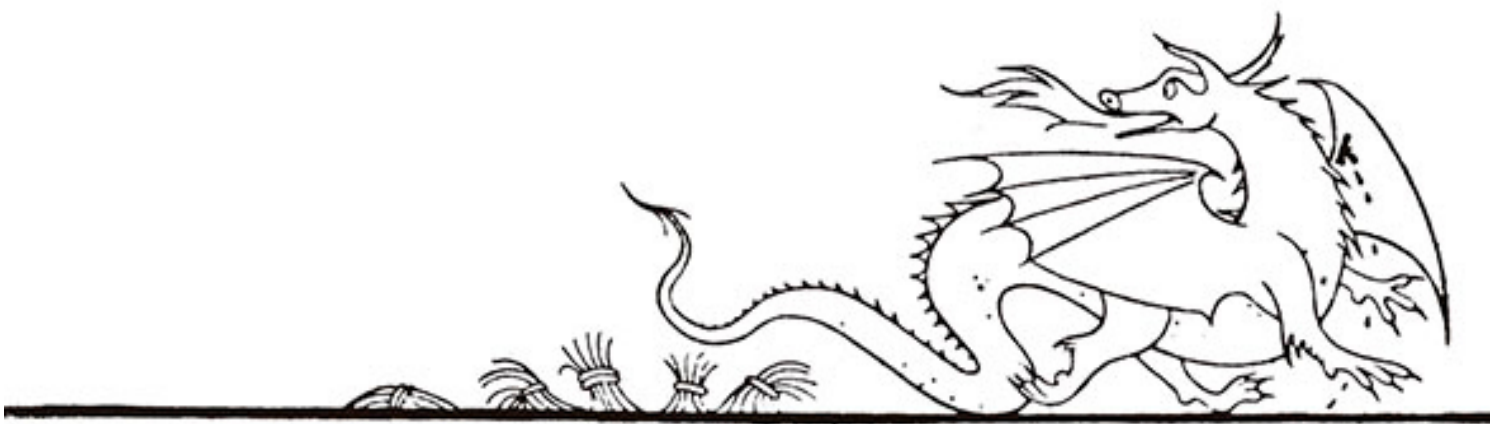
Os limites do Reino Pequeno, tanto no tempo como no espaço, não são fáceis de estabelecer a partir de tão poucas evidências. Desde que Brutus veio para a Grã-Bretanha, muitos reis e reinos surgiram e se foram. A divisão das terras entre Locrin, Camber e Albanac foi apenas a primeira de muitas partilhas inconstantes. Talvez, de um lado, por amor a uma autonomia mesquinha e, por outro, pela ganância dos reis em obter maiores territórios, os anos se sucediam com rápidas mudanças entre períodos de guerra e paz, alegrias e dores, como nos contam os historiadores do reinado de Artur: um tempo de fronteiras incertas, quando homens podiam elevar-se ou cair de repente, e os cantadores tinham material abundante e plateias ansiosas para ouvi-los. Em algum ponto desses longos anos, talvez após os dias do Rei Coel, mas antes de Artur ou dos Sete Reinos Anglo-Saxões, devemos situar os acontecimentos aqui narrados; e seu cenário é o vale do rio Tâmis, continuando a noroeste até atingir as muralhas do País de Gales.

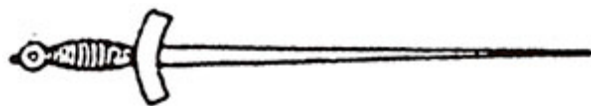
É certo que a capital do Reino Pequeno, assim como a nossa, situava-se bem longe a sudeste, porém seus limites são vagos. Parece que ela nunca se estendeu a oeste, Tâmis acima, nem além dos Pântanos-de-Otta ao norte; suas fronteiras a

leste são duvidosas. Há indicações nos fragmentos de uma lenda sobre George, filho de Giles, e seu pajem Sebossuino vitourus (Sebo), contando que em certa época houve um posto avançado para enfrentar o Reino Médio mantido em Benlonge. Mas essa situação não tem nada a ver com esta história, que agora apresentamos sem alterações ou mais comentários, embora seu grandioso título original tenha sido oportunamente reduzido para *Mestre Giles d'Aldeia*.



Mestre Giles d'Aldeia





Ægidius de Hammo foi um homem que viveu nas regiões centrais da ilha da Grã-Bretanha. Seu nome completo era Ægidius Ahenobarbus Julius Agricola de Hammo, pois as pessoas eram presenteadas com nomes abundantes naqueles dias, em tempos já bem distantes, quando, felizmente, esta ilha ainda era dividida em vários reinos. Havia, então, mais tempo e menos pessoas, de tal forma que boa parte dos homens se distinguiu. Contudo, esses dias passaram, então a seguir apresentarei seu nome abreviado e em sua forma vulgar: ele era Mestre Giles d'Aldeia e tinha uma barba ruiva. Aldeia era somente um vilarejo, porém os vilarejos eram ainda orgulhosos e independentes naqueles dias.

Mestre Giles tinha um cachorro. O nome dele era Ganido. Os cães deviam contentar-se com nomes curtos na língua nacional; o latim dos livros era reservado para seus superiores. Ganido não sabia falar nem mesmo um latim grosseiro; mas sabia usar a língua dos plebeus (como fazia a maioria dos cachorros, naqueles dias), tanto para ameaçar e contar vantagens, como para bajular. As ameaças eram para mendigos e invasores, contar vantagens era para os outros cães, e a bajulação era para seu mestre. Ganido tinha, ao mesmo tempo, orgulho e medo de Giles, que sabia ameaçar e contar vantagens bem melhor que seu cachorro.

Não eram tempos de pressa ou de agitação. Mas agito tem bem pouco a ver com os negócios.



Os homens trabalhavam sem se agitar e negociavam misturando o trabalho com as conversas. Havia muito sobre o que conversar, pois fatos memoráveis aconteciam com frequência. No entanto, no momento em que esta história começa, nada de memorável tinha acontecido em Aldeia por um bom tempo. O que era totalmente do agrado de Mestre Giles: ele era um sujeito meio lento, muito acomodado em seu modo de viver e ocupado apenas com seus próprios assuntos. Já tinha bastante trabalho (como ele dizia) para ficar longe de encrencas, ou seja, para se manter tão gordo e confortável quanto seu pai havia sido. O trabalho do cachorro era ajudá-lo. Nenhum deles dava muita atenção ao Vasto Mundo fora de seus campos, do vilarejo e da feira mais próxima.

Porém o Vasto Mundo existia. A floresta não ficava tão distante, e ao longe, a oeste e ao norte, situavam-se as Colinas Ermas e as fronteiras imprecisas da região montanhosa. E, entre outras coisas à solta, ainda havia gigantes: um povo rude e sem cultura, às vezes encenqueiro. Havia um gigante em particular, maior e mais estúpido que seus camaradas. Não há menção alguma de seu nome nas histórias, mas isso não importa. Ele era enorme, seu cajado parecia uma árvore e seu passo era pesado. Ele afastava os olmos para o lado como se fossem folhas de grama alta; era a destruição das estradas e a devastação dos jardins, pois seus grandes pés cavavam buracos na terra, profundos como poços; se tropeçasse em uma casa, era o fim dela. E tudo isso ele fazia por onde quer que andasse, pois sua cabeça ficava muito acima dos telhados das casas e deixava que seus pés se virassem sozinhos. Era míope e também bastante surdo. Felizmente vivia bem longe, nos Ermos, e nunca visitava as terras habitadas pelos homens, pelo menos não de propósito.

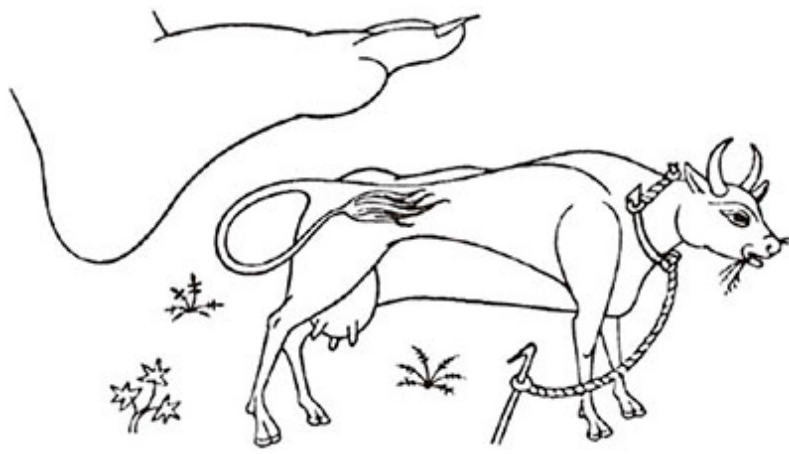
Possuía uma imensa casa em ruínas no alto das montanhas, mas tinha bem poucos amigos, graças a sua surdez e a sua burrice, assim como à escassez de gigantes. Costumava sair a passeio nas Colinas Ermas e nas regiões desabitadas aos pés das montanhas, sempre sozinho.



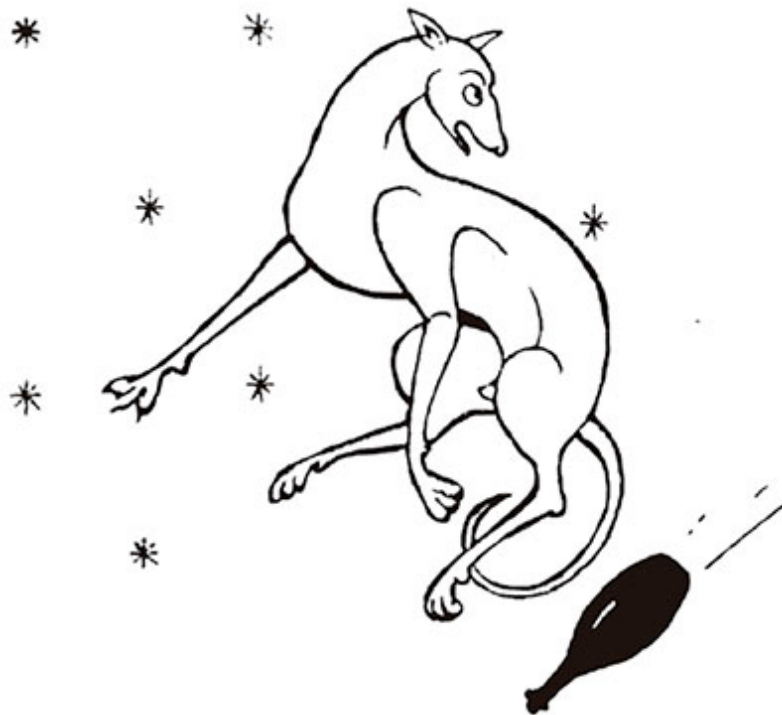
Num belo dia de verão, esse gigante saiu para um passeio e vagou sem rumo por aí, fazendo muito estrago nas matas. De repente, percebeu que o sol já ia se pôr e sentiu que estava quase na hora de seu jantar; mas descobriu que fora parar numa parte do país que não conhecia nem um pouco e que estava perdido. Ao escolher que direção seguir, tomou a decisão errada, por isso andou e andou até ficar totalmente escuro. Então ele se sentou e esperou a lua nascer. A partir daí, sob a luz do luar, o gigante andou e andou mais, caminhando com vontade porque estava ansioso para chegar em casa. Havia deixado sua melhor panela de cobre no fogo e temia que o fundo se queimasse. Mas as montanhas estavam às suas costas, e ele já percorria as terras habitadas por seres humanos. Estava, na verdade, aproximando-se da fazenda de Ægidius Ahenobarbus Julius Agricola e do vilarejo que era chamado (na língua do povo) de Aldeia.

A noite era bela. As vacas estavam nos campos, e o cachorro de Mestre Giles tinha saído por conta própria para um passeio. Ele tinha uma queda pelo luar e por perseguir coelhos. Claro que não tinha ideia de que um gigante também havia saído para passear. Isso lhe teria dado um bom motivo para sair sem licença, embora fosse um motivo melhor ainda para ficar quietinho na cozinha. Por volta das duas horas da madrugada, o gigante chegou aos campos de Mestre Giles, quebrou as sebes, pisoteou as plantações e amassou todo o capim destinado ao pasto. Em cinco minutos ele havia causado mais danos que a real caça à raposa conseguiria fazer em cinco dias.

Ganido ouviu um baque-baque vindo das margens do rio e correu para o lado oeste da pequena colina, onde ficava a sede da fazenda, só para ver o que estava acontecendo. Num susto, ele viu o gigante caminhar por cima do rio e pisar em Galateia, a vaca favorita do mestre, esmagando o pobre animal do mesmo jeito que o fazendeiro teria esmagado um besouro.



Foi o que bastou para Ganido. Ele soltou um gemido de pavor e disparou para casa. Totalmente esquecido de que havia saído sem licença, foi latir e choramingar debaixo da janela do quarto de seu dono. Não houve resposta por um bom tempo. Mestre Giles não acordava assim facilmente.



— Socorro! Socorro! Socorro! — gritou Ganido.
A janela se abriu de repente e uma garrafa saiu voando na direção dele.
— Ai! — disse o cão, pulando de lado com uma habilidade bem treinada.
— Socorro! Socorro! Socorro!
Aí apareceu a cabeça do fazendeiro.
— Droga, cachorro! O que você andou fazendo? — perguntou ele.
— Nada — respondeu Ganido.
— Vou te mostrar o que é nada! Vou arrancar o seu couro amanhã de manhã — disse o fazendeiro, batendo com força a janela.
— Socorro! Socorro! Socorro! — gritou o cachorro.

A cabeça de Giles apareceu de novo.

— Acabo com você, se fizer só mais um barulho! — ele disse. — O que foi que deu em você, seu idiota?

— Nada — respondeu o cachorro —, mas uma coisa vai dar no senhor.

— O que isso quer dizer? — perguntou Giles, espantado em meio à sua raiva. Ganido jamais lhe havia respondido com atrevimento.

— Tem um gigante nas suas terras, um gigante enorme; e ele vem para cá — declarou o cachorro. — Socorro! Socorro! Ele está pisando nos seus carneiros. Esmagou a coitada da Galateia, ela ficou achatada feito um capacho. Socorro! Socorro! Ele está arreventando todas as suas sebes e destruindo toda a sua plantação. O senhor deve ser corajoso e rápido, mestre, ou logo não vai sobrar nada. Socorro! — E Ganido começou a uivar.

— Cale a boca! — O fazendeiro ordenou, fechando a janela.

“Misericórdia!”, ele pensou; e, embora a noite estivesse quente, começou a tremer.

— Volte para a cama, não seja tonto! — disse sua esposa. — E amanhã cedo afogue esse cachorro. Não se pode acreditar no que os cães dizem; eles contam qualquer história quando são apanhados vadiando ou roubando.

— Pode ser que sim, Ágata — respondeu ele —, e pode ser que não. Mas tem alguma coisa acontecendo nas minhas terras, ou Ganido virou um coelhinho. O cachorro estava apavorado. Por que ele viria matraquear no meio da noite, quando podia se esgueirar pela porta dos fundos de manhã, junto com o leite?

— Pois não fique aí discutindo! — tornou ela. — Se acredita no cachorro, então siga o conselho dele: seja corajoso e rápido!

— Mais fácil dizer que fazer — resmungou Giles; pois, na verdade, ele acreditava ao menos em metade da história de Ganido. Nas altas horas da noite, gigantes não pareciam tão improváveis.

Além disso, uma propriedade é uma propriedade; e Mestre Giles tinha tão pouca paciência com invasores que poucos ousavam encará-lo. Então ele vestiu as calças e desceu à cozinha, onde pegou da parede o seu bacamarte. Há quem pergunte o que é um ba-

camarte. De fato, dizem que essa mesma pergunta foi feita aos Quatro Sábios Eruditos de Vau-do-gado, que replicaram, depois de refletir:

— Um bacamarte é uma arma curta com o cano largo que dispara várias bolas ou metralhas e é capaz de causar dano dentro de uma área de alcance limitada sem precisar de mira exata. (Hoje ultrapassada por outras armas de fogo em países civilizados).

Contudo, o bacamarte de Mestre Giles tinha uma boca larga que se abria como uma corneta e não disparava nem bolas nem metralhas, mas qualquer coisa que ele

achasse de jeito para enfiar nele. E não costumava causar dano porque o fazendeiro quase nunca o carregava, e jamais o disparava. Só a vista daquela coisa já costumava cumprir seu propósito. Além disso, aquela região não era ainda civilizada, pois o bacamarte não estava ultrapassado: na verdade ele era o único tipo de arma que existia por lá, e muito raro. As pessoas preferiam arcos e flechas e, na maioria das vezes, só usavam pólvora em fogos de artifícios.

Muito bem, Mestre Giles apanhou o bacamarte e o carregou com uma boa quantidade de pólvora, para o caso de medidas extremas serem necessárias; e dentro da boca larga da arma enfiou pregos velhos e pedaços de arame, cacos de louça quebrada, ossos, pedras e um bocado de entulho. Então calçou suas botas de cano alto, vestiu o sobretudo e saiu da cozinha passando pela horta.

A lua estava baixa atrás dele; não via nada mais que as longas sombras negras de arbustos e árvores, mas podia ouvir uns baques vindo das encostas da colina. Não se sentia nem corajoso nem rápido, não importava o que Ágata pudesse dizer; porém preocupava-se mais com sua propriedade que com a própria pele. Assim, com uma sensação de frio no estômago, ele andou em direção ao topo da colina.



De repente, por cima da borda do morro apareceu a cara do gigante, pálida sob o luar, que rebrilhava em seus enormes olhos redondos. Seus pés estavam longe, lá embaixo, fazendo buracos na terra. A lua ofuscava o gigante, que não viu o fazendeiro; mas Mestre Giles o viu e ficou aterrorizado. Puxou o gatilho sem pensar, e o bacamarte disparou num estrondo impressionante. Por sorte, estava mais ou menos apontado para a cara imensa e feia do gigante. Saíram do cano o entulho,

as pedras e ossos, pedaços de louça, arame e meia dúzia de pregos. Como a área de alcance era mesmo limitada, foi por mero acaso, e não por escolha do fazendeiro, que várias dessas coisas atingiram o gigante: um caco de louça entrou no seu olho e um grande prego se fincou no seu nariz.

— Raios! — disse o gigante, com seu jeito grosseiro. — Fui picado!

O barulho não lhe causou impressão nenhuma (ele era bem surdo), mas não gostou do prego. Fazia muito tempo que encontrara qualquer inseto capaz de perfurar sua pele grossa; mas ele tinha ouvido contar que ao longe no leste, nos Pântanos, havia libélulas que mordiam como se fossem pinças em brasa. Pensou que tinha dado com alguma coisa do tipo.

— Um lugar nojento e nocivo, com certeza — disse ele. — Não dou nem mais um passo nessa direção esta noite!

Então ele apanhou um par de carneiros na encosta da colina, para comer quando chegasse em casa, e voltou a saltar sobre o rio, seguindo no rumo norte-noroeste a passo acelerado. Acabou encontrando o caminho de casa, pois finalmente seguia na direção certa; mas o fundo de sua panela de cobre se queimou mesmo.

Quanto a Mestre Giles, na hora em que o bacamarte disparou, ele foi derrubado de costas no chão pelo choque da arma. E ali ficou, olhando para o céu e imaginando se os pés do gigante não o atingiriam quando passassem. Porém nada aconteceu e os baques foram dissipando-se na distância. Afinal ele se levantou, esfregou o ombro e recolheu o bacamarte. De súbito, ouviu o som de pessoas aplaudindo.

A maior parte do povo de Aldeia estivera olhando pelas janelas; alguns tinham se vestido e saído (depois que o gigante havia ido embora). Outros estavam correndo colina acima e gritando.

Os aldeões tinham ouvido o horrível baque-baque dos pés do gigante, e muitos deles foram imediatamente para baixo das cobertas, e outros haviam se enfiado debaixo das camas. Porém Ganido estava, ao mesmo tempo, com orgulho e medo de Giles. Considerava o mestre terrível e magnífico quando estava zangado; e naturalmente achou que qualquer gigante pensaria a mesma coisa. Portanto, assim que viu Giles sair com o bacamarte (em regra, sinal de enorme fúria), correu para o vilarejo, latindo e gritando:

— Saiam! Saiam! Saiam! Levantem-se! Levantem-se! Venham ver meu grandioso dono! Ele é corajoso e rápido. Ele vai atirar num gigante que invadiu a fazenda! Saiam!

O topo da colina era visível da maioria das casas. Quando as pessoas e o cachorro viram a cara do gigante aparecer lá em cima, encolheram-se e prenderam a respiração; e todos, menos o cachorro, pensaram que era uma encenação grande demais para Giles encarar. Então o bacamarte disparou e, de súbito, o gigante deu

meia-volta e foi embora. Em seu espanto e alegria eles bateram palmas e deram vivas, enquanto Ganido se acabava de tanto latir.

— Viva! — gritaram. — Que isso lhe sirva de lição! Mestre Ægidius lhe deu o que merece! Agora o gigante vai para casa morrer, e isso será muito bem feito!

De novo, todos aplaudiram juntos. Porém, mesmo em meio aos aplausos, eles aproveitavam para refletir sobre o fato de que aquele bacamarte realmente era capaz de disparar, afinal. Tinha havido debates sobre esse ponto nas estalagens do vilarejo; mas agora o assunto estava definido. Mestre Giles teve poucos problemas com invasores depois disso.

Quando a situação parecia segura, algumas das pessoas mais corajosas subiram a colina para apertar as mãos de Mestre Giles. Algumas delas — o pároco, o ferreiro e o moleiro, mais uma ou duas pessoas notáveis — até lhe deram tapinhas nas costas. Isso não o agradou (seu ombro estava bem dolorido), mas ele se sentiu na obrigação de convidá-los para entrar em sua casa. Sentaram-se em roda na cozinha para beber à sua saúde e elogiá-lo em altas vozes. Ele nem se esforçou para esconder os bocejos; contudo, enquanto durou a bebida, eles não repararam. Depois de todos terem tomado uma ou duas doses (e o fazendeiro duas ou três), ele começou a se sentir bastante ousado; quando todos tinham tomado duas ou três doses (e ele próprio umas cinco ou seis), sentia-se tão corajoso quanto seu cachorro acreditava que fosse. Despediram-se como bons amigos; e ele deu enérgicos tapinhas nas costas deles. Suas mãos eram grandes, vermelhas e grossas, de modo que ele teve uma bela vingança.



No dia seguinte, descobriu que a notícia crescia à medida que era contada e que ele havia-se tornado uma importante figura local. Pelo meio da semana seguinte, as notícias haviam-se espalhado por todos os vilarejos num raio de vinte milhas. [\[01\]](#) Giles tinha se transformado no Herói do Interior. Achou isso bem agradável. No dia da feira, ganhou tantas bebidas de graça que o líquido poderia fazer um barco flutuar: ou seja, ele bebeu até não aguentar mais e voltou para casa cantando velhas canções de heroísmo.

Por fim, até o Rei ouviu a história. A capital de seus domínios, o Reino Médio da ilha naqueles felizes dias, ficava a cerca de vinte léguas [\[02\]](#) de distância de Aldeia; e na corte, em geral, dava-se pouca atenção aos feitos dos rústicos aldeões nas províncias. Mas a expulsão tão imediata de um gigante nefasto parecia digna de nota e merecedora de alguma cortesia. Por isso, em seu devido tempo — isto é, três meses depois, bem no dia da festa de São Miguel — o Rei enviou uma carta magnífica. Estava escrita em vermelho sobre pergaminho branco e expressava a

aprovação real ao “nosso leal súdito e bem-amado Ægidius Ahenobarbus Julius Agricola de Hammo”.

A carta estava assinada com um borrão avermelhado; porém o escriba da corte acrescentara: “*Ego Augustus Bonifacius Ambrosius Aurelianus Antoninus Pius et Magnus, dux, rex, tyrannus, et basileus Mediterraneorum Partium, subscribo*” [Eu, Augusto Bonifácio Ambrósio Aureliano Antonino Pio e Magnífico, duque, rei, tirano e soberano do Reino Médio, assino]; e havia junto um grande selo vermelho. Portanto, o documento era claramente genuíno. A carta deu grande prazer a Giles e era muito admirada, especialmente quando se descobriu que, ao se pedir para vê-la, a pessoa podia ser convidada a sentar-se junto à lareira do fazendeiro e, uma vez lá, ganharia uma bebida.

Melhor ainda que o real depoimento era o presente que o acompanhava. O Rei enviara um cinturão e uma espada longa. Para dizer a verdade, o Rei mesmo jamais havia usado aquela espada. Pertencia a sua família e estivera pendurada em seu arsenal por anos incontáveis. O armeiro não sabia dizer de onde tinha vindo nem para que servira. Espadas simples e pesadas daquele tipo estavam fora de moda na corte naquela época, por isso o Rei pensou que seria o presente ideal para um caipira. Mas Mestre Giles ficou encantado, e sua reputação local se tornou ainda maior.

Giles apreciou bastante o rumo que os acontecimentos tomaram. O mesmo se deu com seu cachorro, que nunca recebeu a surra prometida pelo dono. Giles era um homem justo, em sua própria opinião; no fundo, ele atribuía muito do crédito a Ganido, apesar de nunca ir tão longe a ponto de mencionar isso. Continuou a lançar palavras e objetos duros no cachorro quando tinha vontade, porém fazia vista grossa para várias das suas saídas sem permissão. Ganido se acostumou a ir passear a maiores distâncias. A vida do fazendeiro seguia a passos largos, e a sorte lhe sorria. O trabalho no outono e no começo do inverno iam bem. Tudo parecia bem encaminhado — até que chegou o dragão.



Naqueles dias, dragões já estavam se tornando raros na ilha. Nenhum fora avistado nos domínios centrais de Augusto Bonifácio em vários anos. Havia, é claro, as fronteiras imprecisas e as montanhas desabitadas, a oeste e ao norte, mas elas se situavam a uma longa distância. Em tais regiões, tempos atrás, residia um bom número de dragões de uma espécie ou outra, e de lá saíam em ataques súbitos para toda parte. Porém, naquela época, o Reino Médio era famoso pela valentia dos cavaleiros do Rei, e tantos dragões extraviados haviam sido mortos, ou tinham voltado tão gravemente feridos, que os outros desistiram de ir para aqueles lados.

Ainda era costume servir Cauda de Dragão no Banquete Real de Natal; e a cada ano, um cavaleiro era escolhido para a tarefa da caça. Esperava-se que ele partisse no dia de São Nicolau e que voltasse para casa com uma cauda de dragão o mais tardar na véspera do banquete. Agora, no entanto, fazia anos que o Cozinheiro Real preparava uma sobremesa maravilhosa, uma Falsa Cauda de Dragão, feita de bolo e coberta de marzipã, com escamas modeladas em açúcar de confeiteiro. O cavaleiro escolhido então carregava esse prato para o salão na Véspera de Natal, enquanto rabecas tocavam e trombetas soavam. A Falsa Cauda de Dragão era saboreada após o jantar do Dia de Natal, e todo mundo dizia (para agradar o cozinheiro) que o gosto era muito melhor que o da Cauda Verdadeira.

Era essa a situação quando um dragão de verdade reapareceu. A culpa, na maior parte, foi do gigante. Após sua aventura, ele acostumou-se a ir às montanhas para visitar seus raros parentes bem mais do que havia sido seu costume — e muito mais do que eles gostariam, pois ele estava sempre tentando pegar emprestada uma grande panela de cobre. Porém, conseguisse o empréstimo ou não, ele sempre se sentava e contava, com seu jeito aborrecido e confuso, sobre a ótima região que existia lá longe, ao leste, e sobre todas as maravilhas do Vasto Mundo. Tinha enfiado na cabeça que era um grande e ousado viajante.

— Uma bela terra — ele declarava —, bem plana, macia para os pés, e com bastante comida à disposição: vacas, vocês sabem, e carneiros por toda parte, fáceis de encontrar quando se olha com atenção.

— E que tal são as pessoas? — perguntavam.

— Não vi ninguém — dizia ele. — Nem um único cavaleiro a ser visto ou ouvido, meus camaradas. Nada mais sério que uns mosquitos picadores perto do rio.

— E por que você não volta e fica por lá? — falavam eles.

— Ah, bem, não há lugar como o nosso lar, pelo que dizem — o gigante respondia. — Mas talvez eu volte lá quando estiver disposto. De qualquer forma, já fui uma vez, o que é mais que a maioria do pessoal pode dizer que fez. Agora, sobre aquela panela de cobre...

— E essas terras tão ricas — os outros perguntavam, depressa —, essas terras deliciosas, cheias de gado indefeso, para que lado ficam? E a que distância?

— Ah — ele retrucava —, bem distante, a leste ou sudeste. É uma viagem longa.

E aí ele fazia um relato tão exagerado das distâncias que havia percorrido, e das matas, colinas e planícies que tinha atravessado, que nenhum dos outros gigantes com pernas mais curtas que ele jamais quis sair em viagem. Mesmo assim, a história se espalhou.

Foi então que ao quente verão sucedeu um inverno rigoroso. Fazia um frio intenso nas montanhas e a comida era escassa. A história aumentava. Discutia-se muito sobre os rebanhos de carneiros das terras baixas e as vacas em fartas

pastagens. Os dragões aguçavam os ouvidos: estavam famintos, e esses boatos eram atraentes.



— Então os cavaleiros não passam de mitos! — diziam os dragões mais jovens e inexperientes. — É o que sempre pensamos.

— No mínimo, devem estar ficando raros — pensavam as serpes mais velhas e mais sábias —, remotos, incomuns e não inspiram mais temor.



Houve um dragão que foi mais profundamente influenciado por aquilo. Seu nome era Crisofílix, o Rico,^[03] pois pertencia a uma linhagem antiga e imperial, além de ser riquíssimo. Ele era astuto, curioso, ganancioso, bem-dotado de carapaça, mas não era ousado demais. De qualquer forma, não tinha o menor medo de mosquitos ou insetos de qualquer tipo ou tamanho; e andava morto de fome.

Assim, num dia de inverno, mais ou menos uma semana antes do Natal, Crisofílix estendeu suas asas e levantou voo. No meio da noite, pousou silenciosamente bem no coração dos domínios centrais de Augusto Bonifácio, rei e soberano. Fez um belo estrago em pouco tempo, esmagando, queimando e devorando carneiros, gado e cavalos.

Isso aconteceu numa terra bem distante de Aldeia, mas deu a Ganido o maior susto de sua vida. Ele havia partido em uma longa expedição e, aproveitando-se da benevolência de seu dono, arriscou-se a passar uma ou duas noites fora de casa. Seguiu um cheiro atraente pelas bordas de um bosque, quando fez uma curva e, de súbito, deu com um cheiro novo e assustador; na verdade, trombou diretamente com

a cauda de Crisofilax, o Rico, que havia acabado de pousar. Nunca um cachorro deu meia-volta e disparou para casa mais depressa que Ganido. O dragão, ao ouvir seus latidos, voltou-se e bufou; mas Ganido já estava fora de seu alcance. Ele correu sem parar o resto da noite e chegou em casa pela hora do café da manhã.

— Socorro! Socorro! Socorro! — latiu ele, do lado de fora da porta dos fundos.

Giles ouviu e não gostou nadinha. Aquilo o lembrava de que coisas inesperadas podem acontecer quando tudo parece ir muito bem.

— Mulher, deixe aquela porcaria de cachorro entrar, e pode bater nele!

Ganido entrou na cozinha todo encolhido, com os olhos arregalados e a língua de fora.

— Socorro! — ele chorou.

— Então, o que você andou fazendo desta vez? — disse Giles, jogando-lhe uma linguça.

— Nada — Ganido ofegava, afobado demais para dar atenção à linguça.

— Bem, pare com isso ou arranco sua pele — retrucou o fazendeiro.

— Eu não fiz nada errado. Não queria prejudicar ninguém — disse o cachorro.

— Mas por acidente dei com um dragão, e isso me apavorou.

O fazendeiro se engasgou com a cerveja.

— Dragão? — exclamou. — Desgraçado seja, seu cachorro intrometido inútil! Por que você tinha de sair e encontrar um dragão, justamente nesta época do ano? E eu com tanta coisa a fazer! Onde foi isso?

— Ah! Ao norte, além das colinas e a uma boa distância, perto das Pedras Erguidas, para aqueles lados — respondeu o cachorro.

— Ah, lá longe! — Giles respirou aliviado. — O povo daquelas plagas é esquisito, ouvi dizer, e qualquer coisa pode acontecer nas suas terras. Eles que tratem do assunto! Não venha me incomodar com tais histórias. Saia, para fora!

Ganido saiu e espalhou as novidades pelo vilarejo inteiro. Não se esqueceu de mencionar que seu dono não havia ficado nem um pouquinho assustado.

— Bem tranquilo ele estava, e continuou tomando seu café da manhã.

As pessoas prosearam sobre aquilo agradavelmente à porta de suas casas.

— É como nos velhos tempos! — diziam. — E justamente quando o Natal está chegando! Na estação certa. Como o Rei vai ficar contente! Ele poderá saborear Cauda Verdadeira neste Natal.

Porém, no dia seguinte vieram mais notícias. Parecia que o dragão era excepcionalmente grande e feroz. Estava fazendo um terrível estrago.

— E os cavaleiros do Rei? — as pessoas começaram a murmurar.

Outros já haviam feito a mesma pergunta. Na verdade, mensageiros dos vilarejos mais atingidos por Crisofilax estavam chegando à presença do Rei, e diziam a ele, tão alto e tantas vezes quanto se atreviam:

— Senhor, e os seus cavaleiros?

Os cavaleiros, porém, nada faziam; seu conhecimento da existência do dragão ainda era extraoficial. Assim, o Rei trouxe o assunto à atenção deles por completo e formalmente; pediu que entrassem em ação depressa, assim que lhes fosse conveniente. E ficou tremendamente desapontado quando descobriu que, para eles, o conveniente era não entrarem em ação depressa, e de que, na verdade, a ação era adiada diariamente.

Mas não há dúvida de que as desculpas dos cavaleiros eram válidas. Primeiro, o Cozinheiro Real já tinha preparado a Cauda de Dragão para aquele Natal, pois era um homem que acreditava em aprontar as coisas com antecedência. Não seria de bom-tom ofendê-lo, trazendo uma cauda de verdade no último minuto. Ele era um serviçal de grande valor.

— Que se dane a Cauda! Cortem a cabeça do sujeito e acabem com ele! — berravam os mensageiros dos vilarejos que estavam a ponto de serem atingidos.

Entretanto, o Natal chegara e, por infelicidade, um grande torneio fora organizado para o dia de São João.^[04] Cavaleiros de reinos variados tinham sido convidados e estavam chegando para disputar prêmios valiosos. Claro que era irracional estragar as chances de vitória dos cavaleiros do próprio reino, enviando os melhores homens para caçar um dragão antes do encerramento do torneio.



E após o torneio vinha o feriado de Ano-Novo.

Todavia, a cada noite o dragão se movimentava; e cada movimento o trazia mais perto de Aldeia. Na noite do dia de Ano-Novo, as pessoas podiam ver um clarão a

certa distância. O dragão se instalara num bosque a cerca de dez milhas da vila, e a mata queimava animadamente. Ele era um dragão feroso, quando tinha vontade.

Com isso, as pessoas começaram a olhar para Mestre Giles e a murmurar às suas costas. Isso o deixou bem constrangido; porém, fingiu não notar. No dia seguinte, o dragão se aproximou mais algumas milhas. E o próprio Mestre Giles começou a falar, abertamente, sobre o escândalo dos cavaleiros do Rei.

— Gostaria de saber o que eles fazem para merecer o que ganham — dizia ele.

— Nós também! — comentavam todos em Aldeia.

O moleiro, contudo, acrescentou:

— Ainda há homens que se tornam cavaleiros por simples mérito, eu soube. Afinal, nosso bom Ægidius aqui já é cavaleiro, de certa forma. O Rei não lhe enviou uma carta vermelha e uma espada?

— É preciso mais que uma espada para entrar na cavalaria — Giles declarou. — Pelo que eu sei, tem a ordenação como cavaleiro e sei lá o que mais. Seja como for, tenho meus próprios negócios para cuidar.

— Ah! Mas o Rei o ordenaria cavaleiro, não duvido, se lhe pedissem — retrucou o moleiro. — Vamos pedir a ele, antes que seja tarde!

— Nada disso — disse Giles. — Ser ordenado cavaleiro não é para mim. Sou um fazendeiro e tenho orgulho disso: sou um homem simples e honesto, e dizem que gente honesta não se dá bem na corte. Esse é mais o seu estilo, Mestre Moleiro.

O pároco sorriu; não com a réplica do fazendeiro, pois Giles e o moleiro viviam trocando farpas, sendo “inimigos do peito”, como se dizia em Aldeia. É que, de súbito, ocorrera ao pároco uma ideia que o agradava, porém nada disse naquele momento. Quanto ao moleiro, não gostou nada e fechou a cara.

— Simples, certamente, e talvez honesto — disse ele. — Mas será preciso ir à corte e tornar-se cavaleiro para matar um dragão? O que é preciso é ter coragem, como ainda ontem ouvi Mestre Ægidius declarar. Alguém duvida que ele tenha tanta coragem quanto qualquer cavaleiro?

E toda a gente ali presente gritou:

— Claro que não!

E ainda:

— Sim, com certeza! Três vivas para o Herói de Aldeia!

Mestre Giles tratou de ir para casa, sentindo-se bem incomodado. Começava a descobrir que uma reputação local precisava ser mantida e que isso podia ser embaraçoso. Chutou o cachorro e escondeu a espada no armário da cozinha. Até então, ela estivera pendurada sobre a lareira.



No dia seguinte, o dragão se transferiu para o vilarejo vizinho de Quercetum (Carvalhal, na língua vulgar). Lá ele devorou não apenas ovelhas, vacas e uma ou duas pessoas de tenra idade, mas também jantou o pároco local. O sacerdote, muito precipitado, havia tentado dissuadi-lo de seus costumes malignos. Houve, então, uma tremenda agitação. Toda a população de Aldeia seguiu para a colina, tendo à frente seu próprio pároco; e procuraram por Mestre Giles.

— Contamos com você! — diziam; e ali se plantaram, à espera, até que o rosto do fazendeiro ficou mais vermelho que sua barba.

— Quando vai partir? — perguntaram.

— Bem, não posso partir hoje, essa é a verdade — disse ele. — Tenho muito a fazer, com meu vaqueiro doente e outras coisas. Vou pensar no assunto.

Todos foram embora; mas, ao anoitecer, havia boatos de que o dragão se aproximava mais ainda, por isso voltaram lá.

— Contamos com você, Mestre Ægidius — declararam eles.

— Vejam — respondeu ele —, sair agora seria desastroso para mim. Minha égua está mancando, e as ovelhas começaram a ter filhotes. Verei isso o mais rápido possível.

Eles se foram mais uma vez, embora não sem alguns resmungos e murmúrios. O moleiro estava rindo disfarçadamente. O pároco ficou para trás, e foi impossível livrar-se dele. Convidou a si mesmo para jantar e fez alguns comentários diretos. Até perguntou o que tinha sido feito da espada e insistiu em vê-la.

Encontrava-se na prateleira de um armário onde mal cabia, e assim que Mestre Giles a tirou de lá, ela saltou com um clarão para fora da bainha, que o fazendeiro derrubou como se estivesse quente. O pároco se pôs de pé num pulo, derrubando a cerveja. Ele recolheu a espada cuidadosamente e tentou recolocá-la na bainha; mas ela não entrava mais que um palmo e pulava para fora de novo, assim que ele largava o punho.



— Oh, céus! Isto é muito esquisito — disse o pároco, ao dar uma boa olhada tanto na bainha quanto na lâmina.

Ele era um homem letrado; o fazendeiro, contudo, mal conseguia soletrar as letras maiúsculas e nem tinha muita certeza de como pronunciar seu próprio nome. Por isso, ele jamais dera atenção às estranhas letras que podiam, vagamente, ser vistas na bainha e na espada. Mesmo o armeiro do Rei estava tão acostumado a ver runas, nomes e outros sinais de poder e de importância nas espadas e bainhas que não havia esquentado a cabeça com tal coisa; acreditava que isso estava fora de moda, em todo o caso.

Mas o pároco observou-as por um longo tempo e franziu a testa. Havia esperado encontrar algo escrito na espada e na bainha, e fora essa, realmente, a ideia que lhe viera à mente no dia anterior. Agora, porém, estava surpreso com o que via, porque, embora ali houvesse mesmo letras e sinais, ele não conseguia entender nada do que queriam dizer.

— Há uma inscrição nesta bainha e alguns, hã, sinais epigráficos são visíveis na espada — disse ele.

— Verdade? — perguntou Giles. — E o que isso quer dizer?

— Os caracteres são arcaicos e a linguagem é primitiva — respondeu o pároco, para ganhar tempo. — Será preciso fazer um exame mais detalhado.

Ele pediu que lhe emprestasse a espada por uma noite, e o fazendeiro o deixou levá-la com muito gosto.

Quando o pároco chegou em casa, tirou de suas estantes vários livros eruditos e se pôs a ler até tarde da noite. Na manhã seguinte, descobriu-se que o dragão havia se aproximado ainda mais. Todas as pessoas de Aldeia puseram trancas nas portas e cerraram as janelas; aqueles que possuíam porões desceram para lá e ficaram sentados, tremendo à luz das velas.

Entretanto, o pároco esgueirou-se para fora e foi de porta em porta, contando a todos que lhe dessem ouvidos, por uma abertura ou buraco de fechadura, o que havia descoberto em sua pesquisa.

— Nosso bom Ægidius, — dizia ele —, graças ao Rei, agora é o proprietário de Caudimordax, a famosa espada que, nos contos populares, é mais conhecida como Mordedora-de-Caudas.

Aqueles que ouviam esse nome em geral abriam suas portas. Todos conheciam o renome de Mordedora-de-Caudas, pois tal espada pertencera a Belomário, o maior de todos os matadores de dragões do reino. Alguns relatos o consideravam o tataravô materno do Rei. Baladas e contos sobre seus feitos eram inúmeros e, mesmo se esquecidos na corte, ainda eram lembrados nos vilarejos.

— Esta espada — explicava o pároco — não pode ser embainhada se houver um dragão a menos de cinco milhas; e, sem dúvida, na mão de um homem corajoso, nenhum dragão pode resistir a ela.

As pessoas começaram a animar-se de novo; alguns destrancaram as janelas e puseram as cabeças para fora. No final, o pároco convenceu alguns poucos a sair para reunir-se a ele; porém, somente o moleiro se mostrou realmente disposto. Para ele, ver Giles em uma encenação de verdade valia o risco.

Eles subiram a colina, não sem olharem com ansiedade para o norte, além do rio. Não havia sinal do dragão. Estava dormindo, provavelmente. Estivera se alimentando muito bem durante todo o período natalino.

O pároco (e o moleiro) bateram com força à porta do fazendeiro. Não houve resposta, então bateram ainda mais. Por fim Giles apareceu. Seu rosto estava bem vermelho. Também, ele havia ficado acordado até tarde, bebendo uma boa quantidade de cerveja; e tinha recomeçado a beber assim que se levantou.

Eles se aglomeraram à sua volta, chamando-o de Bom Ægidius, Corajoso Ahenobarbus, Grande Julius, Leal Agricultor, Orgulho de Aldeia, Herói do Interior. E falaram de Caudimordax, a Mordedora-de-Caudas, a Espada que não seria Embainhada, Morte ou Vitória, a Glória dos Pequenos Proprietários, a Espinha Dorsal da Pátria e o Bem do Nosso Próximo, até a cabeça do fazendeiro ficar desesperadamente confusa.

— Muito bem! Uma coisa de cada vez! — pediu ele, quando teve uma brecha. — O que foi, o que é tudo isso? Esta é minha manhã mais ocupada, vocês sabem.

Deixaram que o pároco explicasse a situação. E o moleiro teve o prazer de ver o fazendeiro na maior encrenca que poderia desejar. Contudo, as coisas não aconteceram bem do jeito que o moleiro esperava. Para começar, Giles havia bebido um bocado de cerveja forte. E, também, ele sentiu uma curiosa sensação de orgulho e encorajamento ao saber que sua espada era realmente a Mordedora-de-Caudas. Sempre fora grande fã dos contos sobre Belomário quando menino e, antes de criar juízo, algumas vezes havia desejado ter uma espada maravilhosa e heroica só sua. Do nada, foi envolvido pela súbita vontade de empunhar Mordedora-de-Caudas e sair por aí caçando dragões. Como, porém, passara a vida toda fazendo negociações, fez mais um esforço para adiar o acontecimento.

— O quê? Eu, sair à caça de um dragão? Com minhas calças e meu colete velhos? Lutar com dragões exige algum tipo de armadura, pelo que sempre ouvi dizer. Não há nenhuma armadura nesta casa, podem acreditar — disse ele.

Seria um tanto esquisito sair assim vestido, todos admitiam; mas mandaram chamar o ferreiro. E o ferreiro fez que não com a cabeça. Ele era um homem vagaroso, sombrio, conhecido pelo povo como Sam Ensolarado, embora seu nome próprio fosse Fabricius Cuntactor. O ferreiro de Aldeia jamais assobiava durante o trabalho, a não ser que algum desastre (como uma geada em maio) tivesse acontecido exatamente como ele havia previsto. Isso porque ele fazia previsões diárias de todo tipo de desgraças. Como ele predizia diariamente todo tipo de desastres, aconteciam bem poucas coisas que não havia pressagiado, e ele podia levar crédito por todas elas. Era esse seu maior prazer; portanto, é claro que ele estava relutante em fazer qualquer coisa para evitar uma desgraça. De novo, negou com a cabeça.

— Não posso fazer uma armadura do nada — disse. — E não é minha linha de trabalho. Melhor chamarem o carpinteiro para fazer um escudo de madeira. Não que isso vá ajudar muito. Trata-se de um dragão abrasivo.

Todos se mostraram desapontados; mas o moleiro não seria tão facilmente demovido de seu plano de mandar Giles enfrentar o dragão, caso ele concordasse; ou de acabar com sua frágil reputação local, caso ele se recusasse a ir.

— Que tal uma cota de malha? — ele propôs. — Poderia ser de grande ajuda; e nem precisaria ser muito bonita. Seria para entrar em ação, não para aparecer na corte. E aquela sua velha jaqueta de couro, amigo Ægidius? Há uma grande pilha de elos e anéis na oficina do ferreiro. Imagino que nem mesmo Mestre Fabricius saiba o que pode estar jogado por lá.

— Você não sabe do que está falando — disse o ferreiro, começando a se animar. — Caso se refira a uma cota de malha verdadeira, não pode obtê-la. É preciso ter a habilidade dos anões para fazer isso, com cada anelzinho encaixando-se em outros quatro e tudo o mais. Mesmo se eu tivesse essa capacidade, levaria semanas

trabalhando. Muito antes disso todos estaremos no túmulo ou, no mínimo, dentro da barriga do dragão.

Todos eles torceram as mãos em desespero, enquanto o ferreiro começava a sorrir. Mas estavam agora tão alarmados que ninguém desejava desistir do plano do moleiro; voltaram-se para ele em busca de conselhos.

— Muito bem — disse ele —, ouvi contar que, nos velhos dias, aqueles que não podiam comprar as compridas e brilhantes cotas de malha fabricadas nas terras do Sul prendiam anéis de aço numa camisa de couro e se contentavam com isso. Vamos ver o que pode ser feito nesse estilo?

Com isso, Giles teve de trazer sua velha jaqueta, e o ferreiro foi rapidamente levado de volta à sua forja. Na oficina, eles vasculharam cada cantinho e reviraram as pilhas de metal velho, como não se fazia há anos. No fundo, encontraram, amarela de tanta ferrugem, uma pilha de pequenos anéis caídos de alguma armadura esquecida, bem do jeito que o moleiro havia dito. Sam, mais relutante e sombrio conforme a tarefa ia parecendo mais promissora, foi posto a trabalhar na hora, reunindo, separando e limpando os anéis de aço. E quando tudo aquilo se mostrou certamente insuficiente para alguém tão largo de peito e costas como Mestre Ægidius (o que Sam teve prazer em salientar), fizeram-no desmanchar correntes velhas e martelar os elos até virarem anéis, tão bem-feitos quanto sua habilidade permitia fabricar.

Tomaram os menores anéis de aço e os costuraram no peito da jaqueta, e os maiores e mais disformes pregaram nas costas. Quando mais peças apareceram, de tanto que infernizaram o pobre Sam, foram pegar um par de calças do fazendeiro e costuraram mais anéis nelas. No alto de uma prateleira, em um canto escuro da ferraria, o moleiro encontrou a velha armação de ferro de um elmo, e logo pôs o sapateiro a trabalhar para cobri-la de couro o melhor que podia.

O trabalho os ocupou pelo resto do dia e mais o dia seguinte — que era a véspera do Dia de Reis e da Epifania, porém as festividades foram deixadas de lado. Mestre Giles celebrou a ocasião com mais cerveja do que de costume. O dragão, por sua vez, felizmente dormia. No momento, ele havia esquecido completamente a existência da fome ou de espadas.

Bem cedo, no Dia de Reis, eles subiram a colina levando o estranho resultado de seu trabalho manual. Giles os esperava. Não tinha, agora, mais desculpas a apresentar; portanto, vestiu a jaqueta cheia de anéis e as calças. O moleiro ria disfarçadamente. Então Giles calçou suas botas de cano alto e um velho par de esporas; também pôs na cabeça o elmo recoberto de couro. Mas, no último momento, ele colocou um velho chapéu de feltro sobre o elmo e cobriu a cota de malha com sua grande capa acinzentada.



— Qual o motivo disso, Mestre? — perguntaram.

— Ora — disse Giles —, se sua ideia de ir caçar um dragão é a pessoa ir tilintando e soando como os sinos da Catedral da Cantuária, eu penso diferente. Não faz sentido, para mim, avisar um dragão de que você está vindo pela estrada mais cedo do que é necessário. E um elmo é um elmo. É um desafio para o combate. Deixe que a serpe veja apenas meu chapéu velho por cima das cercas e talvez eu consiga chegar bem perto antes de a encrenca começar.

Os anéis tinham sido costurados de tal forma que se sobrepunham, cada um solto sobre o de baixo e, com certeza, eles tilintavam. A capa até que ajudava a abafar seu ruído, mas Giles ficou bem estranho vestido daquele jeito. Ninguém mencionou isso a ele. Afivelaram o cinturão em torno de sua cintura com alguma dificuldade e penduraram lá a bainha; porém ele teve de empunhar a espada, pois ela não ficava mais embainhada, a não ser se a empurrassem com muita força.



O fazendeiro chamou Ganido. Ele se considerava um homem justo.

— Cachorro — disse —, você vem comigo.

O cachorro uivou.

— Socorro! Socorro! — gritou.

— Pare com isso, agora! — ordenou Giles. — Ou vai se dar pior comigo do que se daria com qualquer dragão. Você conhece o cheiro dessa serpe e talvez seja útil uma vez na vida.

Então Mestre Giles chamou sua égua cinzenta. Ela lançou para ele um olhar duvidoso e fungou para as esporas. Mas deixou que a montasse; e lá se foram eles, nenhum dos três muito feliz. Trotaram através do vilarejo enquanto todo o povo aplaudia e dava vivas, a maior parte deles em suas janelas. O fazendeiro e a égua faziam força para parecer animados; mas Ganido não tinha vergonha alguma e arrastava-se atrás deles com o rabo entre as pernas.

Cruzaram a ponte sobre o rio na saída do vilarejo. Quando, por fim, não podiam mais ser vistos, deixaram o trote até andar a passo. Contudo, logo saíam das terras pertencentes a Mestre Giles e a outros moradores de Aldeia e chegavam às regiões já visitadas pelo dragão. Havia árvores quebradas, sebes queimadas e grama escurecida, além de um silêncio maligno e desconcertante.

O sol brilhava com força, e Mestre Giles bem que desejava tirar uma peça ou duas de sua roupa; começava a imaginar se não tinha tomado uma caneca de cerveja além da conta. “Um belo final para o Natal e as festas”, pensou. “E terei sorte se não for o meu final também.” Ele enxugou o suor do rosto com um grande lenço — verde, não vermelho; tinha ouvido contar que panos vermelhos deixavam os dragões furiosos.

Porém, não encontrou o dragão. Cavalgou por vários caminhos, largos e estreitos, e sobre campos desertos pertencentes a outros fazendeiros e, ainda assim, nada de encontrá-lo. Ganido, claro, não ajudava em nada. Seguia sempre atrás da égua e se recusava a usar o faro.

Foram dar, por fim, em uma estrada sinuosa que havia sofrido pouco dano e que parecia calma e pacífica. Depois de percorrer cerca de meia milha, Giles começou a refletir se já não teria cumprido seu dever e tudo mais que sua reputação exigia. Havia resolvido que já procurara por bastante tempo e por uma boa distância e estava justamente pensando em dar meia-volta, lembrando de seu jantar e cogitando dizer aos amigos que o dragão o vira chegar e simplesmente fugira voando, quando fez uma curva fechada.

E lá estava o dragão, meio deitado em cima de uma sebe destruída, com sua horrenda cabeça bem no meio da estrada.

— Socorro! — latiu Ganido, e disparou a correr.

A égua cinzenta se esborrachou no chão e Mestre Giles caiu para trás, dentro de uma vala. Quando pôs a cabeça para fora do buraco deu com o dragão, bem acordado, de olho nele.

— Bom dia! — disse o dragão. — Você parece surpreso.

— Bom dia! — respondeu Giles. — Estou mesmo.

— Desculpe-me — disse o dragão, que havia levantado uma orelha bem desconfiada ao captar o som dos anéis tilintando, quando o fazendeiro caiu. — Desculpe-me a pergunta, mas você estava procurando por mim, por acaso?

— Não, de jeito nenhum! — disse o fazendeiro. — Quem poderia imaginar encontrá-lo por aqui? Eu só saí para uma cavalgada.

Com pressa, ele se arrastou para fora da vala e recuou em busca da égua cinzenta. Ela se levantara e estava mordiscando um pouco de grama às margens da estrada, parecendo bastante despreocupada.

— Então nos encontramos por sorte — comentou o dragão. — Muito prazer. Imagino que essas devem ser suas roupas de festa. Uma nova moda, quem sabe?

O chapéu de feltro de Mestre Giles havia caído e sua capa acinzentada escorregara; mas ele nem se abalou.

— É mesmo — disse ele —, são roupas novinhas. Mas preciso ir atrás do meu cachorro. Ele deve estar caçando coelhos, suponho.

— Acho que não — disse Crisofilax, lambendo os beiços (sinal de que se divertia). — Ele chegará em casa muito antes que você, acredito. Mas queira continuar seu passeio, Mestre... deixe-me ver, acho que não sei seu nome?

— Nem eu sei o seu — disse Giles —, e vamos deixar assim mesmo.

— Como quiser — retrucou Crisofilax, lambendo os beiços de novo, porém fingindo fechar os olhos.

Ele tinha um coração maligno (como todos os dragões têm), embora não fosse muito corajoso (o que não é incomum). Preferia uma refeição pela qual não tivesse de lutar, mas seu apetite retornara depois de um bom e longo sono. O pároco de Carvalhal tivera um sabor meio gosmento, e fazia anos que ele não experimentava um humano grande e gordo. Estava agora decidido a provar essa carne fácil; esperava apenas o momento em que o velho tonto estivesse distraído.

O velho tonto, porém, não era tão idiota quanto parecia, e não tirou os olhos do dragão mesmo enquanto tentava montar. A égua, entretanto, tinha outras ideias; escoiceou e encolheu-se quando Giles tentou subir à sela. O dragão ficou impaciente e se preparou para atacar.

— Desculpe-me — disse. — Você não deixou cair alguma coisa?

O truque era velho, mas deu certo. Giles, de fato, havia deixado cair algo. Quando despencou, ele derrubara Caudimordax (vulgo Mordedora-de-Caudas), e lá estava ela caída num canto da estrada. Ele se abaixou para pegá-la; e o dragão saltou. Mas não tão velozmente quanto Mordedora-de-Caudas. Assim que se viu nas mãos do fazendeiro, ela pulou adiante com um clarão, direto nos olhos do dragão.

— Ei! — exclamou o dragão, ao se deter na mesma hora. — O que você tem aí?

— Só a Mordedora-de-Caudas, que me foi dada pelo Rei — respondeu Giles.

— Equivoquei-me! — disse o dragão. — Desculpe-me — ele se deitou e rastejou, o que fez Mestre Giles começar a sentir-se mais à vontade. — Acho que você não foi honesto comigo.

— Por que não? — questionou Giles. — De qualquer forma, por que eu deveria ser?

— Você ocultou seu honorável nome e fingiu que nosso encontro aconteceu por acaso; porém, é claramente um cavaleiro de alta linhagem. Antes, senhor, em tais casos era costume os cavaleiros lançarem um desafio, após uma troca apropriada de títulos e credenciais.

— Talvez fosse assim, e talvez ainda seja — disse Giles, já se sentindo um pouco satisfeito consigo mesmo. Um homem que tem um enorme e imponente dragão rastejando diante de si pode ser perdoado por sentir-se um tanto engrandecido. — Mas você está cometendo mais que um erro, velha serpe. Não sou cavaleiro. Sou Mestre Ægidius d’Aldeia, é o que sou; e não tolero invasores. Já atirei em gigantes com meu bacamarte antes por causarem bem menos estragos do que você. E também não lancei nenhum desafio.

O dragão ficou perturbado. “Maldito gigante mentiroso!”, pensou ele. “Fui lamentavelmente enganado. E agora, o que se pode fazer com um fazendeiro corajoso e uma espada tão brilhante e agressiva?” Não conseguia recordar qualquer precedente para uma situação daquelas.

— Crisofilax é meu nome. Crisofilax, o Rico. O que posso fazer por Vossa Senhoria? — acrescentou, de forma insinuante, com um olho na espada e esperando escapar ao combate.

— Você pode dar o fora daqui, seu verme velho e cascudo! — disse Giles, também esperando escapar ao combate. — Quero apenas me ver livre de você. Saia daqui agora mesmo e volte ao seu covil imundo!

Ele deu um passo em direção a Crisofilax, sacudindo os braços como se estivesse espantando corvos.

Foi o suficiente para Mordedora-de-Caudas. Ela fez um círculo cintilante no ar; então atacou com força, ferindo o dragão na junta da asa direita, num golpe retumbante que o chocou tremendamente. Claro que Giles não sabia quase nada sobre os métodos corretos para matar dragões, ou a espada teria pousado em algum ponto mais macio; porém Mordedora-de-Caudas fez o melhor que podia em mãos inexperientes. E foi o que bastou para Crisofilax: ele não pôde usar suas asas por dias. Saltou e virou-se para voar, mas descobriu que não conseguia.

O fazendeiro saltou nas costas da égua. O dragão começou a correr. O mesmo fez a égua. O dragão galopou através de um campo, arquejando e bufando. O mesmo fez a égua. O fazendeiro bradava e gritava, como se estivesse assistindo a uma corrida de cavalos; e o tempo todo agitava Mordedora-de-Caudas. Quanto mais depressa o dragão corria, mais desnortado ele ficava; e, durante aquele tempo todo, a égua cinzenta dava o melhor de si e se mantinha bem atrás dele.

Lá se foram, espaventando pelas vielas, atravessando buracos nas cercas, passando sobre vários campos e muitos riachos. O dragão fumegava e rugia, tendo perdido qualquer senso de direção. Por fim, chegaram de súbito à ponte de Aldeia, cruzaram-na feito trovão e desceram num estrondo pela rua do vilarejo. Ali, Ganido teve o descaramento de esgueirar-se para fora de uma ruela e juntar-se à perseguição.

Todo o povo estava à janela ou sobre os telhados. Alguns riam, outros aplaudiam; havia quem batesse em latas, panelas ou chaleiras, outros sopravam em cornetas, flautas e apitos. O pároco fez com que os sinos da igreja tocassem. Fazia mais de cem anos que não se ouvia falar num tal alvoroço e tanta movimentação em Aldeia.

Foi do lado de fora da igreja que o dragão desistiu. Deixou-se cair no meio do caminho, respirando com dificuldade. Ganido se aproximou e farejou sua cauda, mas Crisofilax já não sentia vergonha de mais nada.

— Boa gente, nobre guerreiro — ele arfava, enquanto Mestre Giles se aproximava e os aldeões se reuniam à sua volta (a uma distância segura) com forcados, estacas e atizadores nas mãos. — Boa gente, não me matem! Sou muito rico. Pagarei por todos os danos que causei. Pagarei pelos funerais das pessoas que matei, especialmente o do pároco de Carvalho; ele terá um monumento fúnebre imponente, embora fosse bem magro. Darei a cada um de vocês um presente de grande valor, só precisam deixar que eu vá até minha casa buscar.

— De quanto? — perguntou o fazendeiro.

— Bem — respondeu o dragão, fazendo cálculos rapidamente. Havia notado que a multidão era bem grande. — Treze xelins e oito pence ^[05] para cada um?

— Absurdo! — disse Giles.

— Ninharia! — disseram as pessoas.

— Um lixo! — disse o cachorro.

— Dois guinéus de ouro para cada um, e metade para cada criança? — propôs o dragão.

— E os cachorros? — perguntou Ganido.

— Prossiga! — disse o fazendeiro. — Estamos ouvindo.

— Dez libras e uma bolsa de prata para cada pessoa, e coleiras de ouro para os cachorros? — sugeriu Crisofilax, ansioso.

— Matem-no! — gritou toda aquela gente, já perdendo a paciência.

— Um saco de ouro para todo mundo e diamantes para as senhoras? — Crisofilax acrescentou, depressa.

— Agora você está chegando perto, mas não é o suficiente — declarou Mestre Giles.

— E deixou os cachorros de fora de novo — latiu Ganido.

— De que tamanho serão os sacos? — perguntaram os homens.

— Quantos diamantes? — questionaram suas esposas.
— Ai de mim, ai de mim! — lamentou o dragão. — Serei arruinado!
— Você merece isso — disse Giles. — Pode escolher entre ser arruinado ou ser morto bem aí.



Ele brandiu Mordedora-de-Caudas, e o dragão se encolheu.
— Decida! — as pessoas gritavam, ficando mais corajosas e chegando mais perto.

Crisofilax piscou; mas, bem no fundo, ele ria: um estremecimento mudo que eles não notaram. Aquela negociação começava a diverti-lo. Era óbvio que todos esperavam tirar vantagens da situação. Sabiam muito pouco dos caminhos do mundo imenso e inclemente — na verdade, não havia em todo o reino ninguém que tivesse qualquer experiência em lidar com dragões e com seus truques. Crisofilax estava recuperando seu fôlego, e também sua esperteza. Lambeu os lábios.

— Digam seu preço! — propôs.

Então todos começaram a falar ao mesmo tempo. Crisofilax ouvia com interesse. Apenas uma voz o perturbava: era a do ferreiro.

— Ouçam o que eu digo, nada de bom vai resultar disto — dizia ele. — Uma serpe não retorna, digam o que quiserem. Nada de bom vai sair disto, aconteça o que acontecer.

— Você pode ficar de fora da negociação, se preferir — disseram-lhe, e continuaram barganhando, sem dar mais quase nenhuma atenção ao dragão.

Crisofilax ergueu a cabeça; porém, se pensava em saltar sobre eles ou em escapulir durante a discussão, desapontou-se. Mestre Giles estava parado ali ao lado, mastigando uma palha e refletindo; mas tinha Mordedora-de-Caudas na mão e o olho pregado no dragão.

— Fique onde está! — disse ele. — Ou terá o que merece, com ouro ou sem ouro.

O dragão continuou deitado. Por fim, o pároco foi escolhido como porta-voz e se postou ao lado de Giles.

— Vil Serpe! — disse ele. — Você deve trazer para este local toda a sua riqueza ilícita; depois de compensar todos os que prejudicou, nós dividiremos o resto entre nós, igualmente. Depois, se você fizer um voto solene de nunca mais perturbar nossa terra, nem de incitar algum outro monstro a nos atacar, deixaremos que vá embora para sua casa com a cabeça e o rabo intactos. E agora você deve nos fazer um juramento de que voltará (com o resgate), mas tão solene que até a consciência de uma serpe precisará respeitar.

Crisofilax aceitou, após uma demonstração convincente de hesitação. Chegou mesmo a derramar lágrimas quentes, lamentando sua ruína, até formar poças de água fumegante na estrada; mas ninguém se comoveu com elas. Então fez vários juramentos, solenes e surpreendentes, de que voltaria com toda a sua riqueza no dia da festa de São Hilário e São Félix. Isso lhe dava oito dias, um tempo curto demais para tal viagem, como até os que ignoravam geografia poderiam muito bem ter concluído. Entretanto, eles o deixaram partir e o escoltaram até a ponte.

— Até nosso próximo encontro! — disse ele, ao atravessar a ponte. — Tenho certeza de que todos esperaremos ansiosos.

— Com certeza — disseram todos.

Naturalmente, foram muito insensatos. Pois, embora os juramentos que fizera devessem queimar sua consciência com aflição e pavor de algum desastre, ai! ele não tinha nem um pinga de consciência. E se essa lamentável falha em alguém de linhagem imperial estava muito além da compreensão das pessoas simples, ao menos o pároco, com todo o seu saber letrado, deveria ter adivinhado. Talvez ele tenha imaginado isso. Era um gramático, e não há dúvida de que podia enxergar mais longe que os outros.

O ferreiro sacudia a cabeça enquanto voltava para sua ferraria.

— Nomes sinistros — resmungava ele —, Hilário e Félix! Não estou gostando nada disso.

É claro que o Rei soube rapidamente das notícias. Espalharam-se feito fogo pelo reino e nada perderam ao serem contadas. O Rei ficou profundamente comovido com o fato, por várias razões, e a questão financeira não foi a menos importante

delas; e decidiu que ele mesmo seguiria imediatamente para Aldeia, onde coisas tão estranhas pareciam acontecer.

Ele chegou lá quatro dias após a partida do dragão. Atravessou a ponte em seu cavalo branco junto a muitos cavaleiros e proclamadores, além de uma imensa quantidade de bagagens. Toda a população havia se vestido com suas melhores roupas e enfileirava-se ao longo da rua para saudá-lo. O cortejo estacou no espaço aberto diante dos portões da igreja. Mestre Giles ajoelhou-se diante do Rei quando foi apresentado; o Rei, porém, disse-lhe que se levantasse e até mesmo deu-lhe um tapinha nas costas. Os cavaleiros fingiram não notar essa familiaridade.

O Rei ordenou que todo o vilarejo se reunisse no grande pasto da fazenda de Mestre Giles, perto do rio, e, quando lá estavam reunidos (inclusive Ganido, que sentia que aquilo era da sua conta), Augusto Bonifácio, rei e soberano, teve o grato prazer de dirigir-se a eles.

Explicou com todos os detalhes que a riqueza do infame Crisofilax pertencia todinha a ele, como senhor das terras. Falou bem por alto em seu direito de ser considerado suserano da região montanhosa (o que era discutível). Mas declarou:

— Não temos dúvida, em caso algum — disse —, de que todo o tesouro dessa serpe foi roubado de nossos ancestrais. No entanto, somos, como todos sabem, tão justos quanto generosos, e nosso bom vassalo Ægidius será recompensado adequadamente; tampouco cada um de nossos leais súditos neste local sairá sem receber algum sinal de nossa estima, desde o pároco até a criança mais nova. Pois estamos muito satisfeitos com Aldeia. Aqui, pelo menos, um povo firme e incorrupto ainda mantém a coragem ancestral de nossa raça.

Os cavaleiros conversavam entre si sobre a nova moda para chapéus.

As pessoas curvaram-se, fizeram reverências e agradeceram humildemente. Mas desejavam, agora, ter aceitado a oferta do dragão de dez libras para cada um e ter mantido o assunto em sigilo. Todos sabiam bem, àquela altura, que o símbolo de estima do Rei não alcançaria tal soma. Ganido notou que não foi feita qualquer menção aos cachorros. Mestre Giles foi o único deles que ficou realmente satisfeito. Tinha certeza de que receberia alguma recompensa e, de qualquer forma, estava muito contente por ter-se safado de um negócio desagradável, com sua reputação local mais alta que nunca.



O Rei não se retirou. Montou seus pavilhões nos campos de Mestre Giles e esperou pelo dia 14 de janeiro, tratando de divertir-se o melhor que podia em um vilarejo miserável longe da capital. O séquito real, nos três dias seguintes, comeu quase todo o pão, manteiga, ovos, galinhas, toicinho e cordeiros que havia no local, além de beber até a última gota de boa cerveja. Então começaram a resmungar

sobre a falta de provisões. O Rei, porém, pagou generosamente por tudo (em títulos a serem honrados mais tarde pelo Tesouro Público, que ele esperava que fosse ricamente reabastecido em muito pouco tempo); assim, a população de Aldeia estava bem satisfeita, sem saber do atual estado do Tesouro.

Chegou o dia 14 de janeiro, dia da festa de Hilário e Félix, e todos estavam de pé e em movimento logo cedo. Os cavaleiros vestiram suas armaduras. O fazendeiro pôs sua cota de malha feita em casa, e os cavaleiros sorriam abertamente, até que viram a cara feia do Rei. O fazendeiro também apanhara Mordedora-de-Caudas, que havia entrado na bainha tão facilmente quanto uma faca na manteiga e lá ficara. O pároco olhava firmemente para a espada e assentia com a cabeça para si mesmo. O ferreiro ria.

Chegou o meio-dia. As pessoas estavam ansiosas demais para comer. A tarde transcorreu lentamente. E ainda Mordedora-de-Caudas não dava o menor sinal de querer saltar da bainha. Nenhuma das sentinelas postadas na colina, nenhum dos meninos que haviam subido no alto das árvores podia ver qualquer coisa, fosse no ar ou na terra, que anunciasse a volta do dragão.

O ferreiro andava por ali assobiando; mas foi só após a noite cair e as estrelas aparecerem que o resto da população do vilarejo começou a suspeitar que o dragão não tinha intenção alguma de retornar. Contudo, recordavam seus numerosos, solenes e surpreendentes juramentos e mantinham as esperanças. Quando, porém, bateu a meia-noite e o dia marcado terminou, a decepção foi profunda. O ferreiro estava feliz da vida.

— Eu avisei — disse ele.

Mas os outros ainda não estavam convencidos.

— Afinal, ele estava bem ferido — disseram alguns.

— Não lhe demos tempo suficiente — comentaram outros. — É um caminho longo demais até as montanhas e ele teria muito peso a carregar. Talvez tenha precisado conseguir ajuda.

O dia seguinte se passou, e o próximo. Então todos perderam as esperanças. O Rei estava vermelho de raiva. Os comes e bebes haviam terminado e



os cavaleiros resmungavam em altas vozes. Queriam voltar aos divertimentos da corte. Mas o Rei queria dinheiro.

Ele se despediu de seus leais súditos, porém foi curto e grosso; e cancelou metade dos títulos do Tesouro. Foi bastante frio com Mestre Giles e o dispensou com um aceno.

— Você terá notícias nossas mais tarde — disse, e partiu com seus cavaleiros e proclamadores.



Os mais esperançosos e ingênuos imaginavam que logo viria uma mensagem para convocar Mestre Ægidius à presença do Rei para, pelo menos, ser armado cavaleiro. Em uma semana chegou a mensagem, mas era de outro teor. Estava escrita e assinada em três vias: uma cópia para Giles; uma para o pároco; e uma que deveria ser pregada nas portas da igreja. Somente a cópia dirigida ao pároco teve alguma utilidade, pois a caligrafia da corte era estranha e tão obscura para a população de Aldeia quanto o latim dos livros. O pároco, porém, traduziu-a para a linguagem popular e a leu do alto do púlpito. Era curta e direta (para uma carta régia); o Rei tinha pressa.

“Nós, Augusto B. A. A. P. e M., rei e etc., comunicamos que decidimos, pela segurança de nosso reino e pela manutenção da honra, que a serpe ou dragão que se denomina Crisofilax, o Rico, seja procurada e punida condignamente por suas contravenções, delitos, crimes e infame perjúrio. Todos os cavaleiros de nossa Casa Real estão, por meio desta, convocados a armar-se e aprontar-se para seguir nesta demanda tão logo Mestre Ægidius A. J. Agricola chegue a esta corte. Já que o dito Ægidius demonstrou ser um homem de confiança e

muito capaz de lidar com gigantes, dragões e outros inimigos da paz do Rei, nós, por esse motivo, ordenamos que ele parta imediatamente e se reúna à companhia de nossos cavaleiros com toda a pressa.”

As pessoas comentaram que aquela era uma enorme honra, quase como ser armado cavaleiro. O moleiro ficou com inveja.

— O amigo Ægidius está subindo na vida — disse ele. — Espero que ainda se lembre de nós quando voltar.

— Talvez ele nunca volte — disse o ferreiro.

— Já chega, seu velho cara de cavalo! — retrucou o fazendeiro, bem aborrecido. — Que se dane a honra! Se eu voltar, até a companhia do moleiro será bem-vinda. Mesmo assim, é um consolo pensar que não vou ver vocês dois por um tempo.

Com isso, ele os deixou.

Não se pode apresentar ao Rei as mesmas desculpas que se dá aos vizinhos; assim, com ovelhas ou sem elas, com terra para arar ou sem ela, não importava nem leite nem água, ele teria de montar sua égua cinzenta e partir. O pároco foi despedir-se dele.

— Espero que esteja levando cordas resistentes consigo — sugeriu ele.

— Para quê? — perguntou Giles. — Para me enforcar?

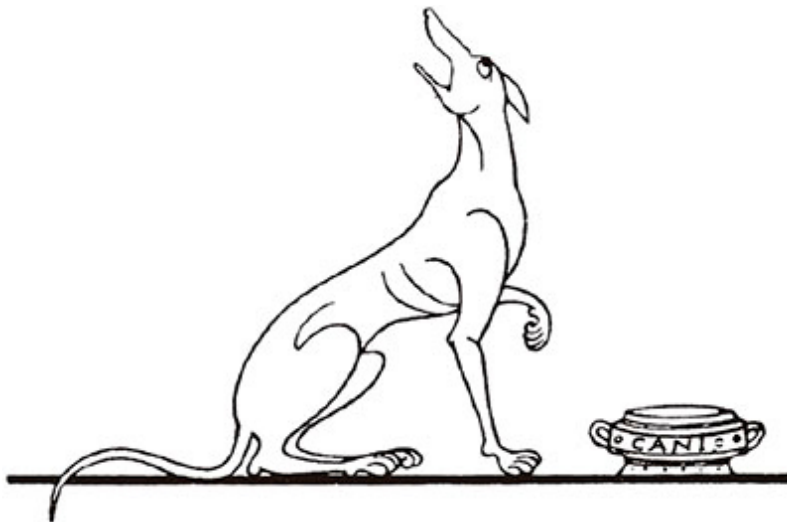
— Nada disso! Anime-se, Mestre Ægidius — disse o pároco. — Parece-me que você pode confiar em sua sorte. Mas leve também uma corda comprida, pois poderá precisar dela, a menos que minhas previsões estejam erradas. Agora, adeus, e volte em segurança!

— Claro! Voltar para encontrar minha casa e minhas terras numa encrenca. Malditos dragões! — respondeu Giles.

Então, enfiando um grande rolo de corda numa bolsa junto à sela, ele montou e foi embora.

Não levou o cachorro, que havia se mantido bem fora de suas vistas a manhã toda. Mas, após sua partida, Ganido esgueirou-se para dentro de casa e lá ficou, uivando a noite inteira. Tomou uma sova por isso, porém continuou uivando.

— Socorro, ai, socorro! — choramingava. — Nunca mais verei meu dono querido, que era tão terrível e esplêndido. Queria ter ido com ele, queria sim.



— Cale a boca! — ordenou a esposa do fazendeiro. — Ou você não vai viver para ver se ele volta ou não.

O ferreiro ouviu os uivos.

— Um mau presságio — disse, todo animado.

Vários dias se passaram e nenhuma notícia chegava.

— Nenhuma notícia é má notícia — dizia ele, e desandava a cantar.



Quando Mestre Giles chegou à corte, estava cansado e empoeirado. Os cavaleiros, porém, em suas cotas de malha polidas e reluzentes elmos na cabeça, estavam a postos junto a seus cavalos. A convocação do Rei e a inclusão do fazendeiro entre eles os haviam irritado, e por isso insistiram em obedecer literalmente às ordens, partindo no exato momento em que Giles chegasse. O pobre fazendeiro mal teve tempo de engolir um pão molhado em vinho antes de pegar a estrada de novo. A égua ficou ofendida. O que ela pensou do Rei, por sorte, não foi verbalizado, pois era profundamente desleal.

Já era bem tarde naquele dia. “Tarde demais para se começar uma caçada ao dragão”, pensou Giles. Mas eles não foram muito longe. Os cavaleiros não tinham pressa nenhuma, após a partida. Cavalgavam a seu bel-prazer, numa fila dispersa, cavaleiros, escudeiros, serviçais e pôneis carregados de bagagem; e Mestre Giles trotava atrás deles em sua égua cansada.

Quando caiu a noite, eles pararam e montaram suas tendas. Nenhuma provisão fora preparada para Mestre Giles, que teve de pedir emprestado o que era possível. A égua ficou indignada e renegou sua lealdade à casa de Augusto Bonifácio.

Na manhã seguinte, seguiram viagem, e no outro dia, também. No terceiro dia eles avistaram, ao longe, as sombrias e inóspitas montanhas. Em pouco tempo encontravam-se em regiões nas quais o domínio de Augusto Bonifácio não era

universalmente reconhecido. Trataram de cavalgar com mais cuidado e mantiveram-se próximos uns dos outros.

No quarto dia alcançaram as Colinas Ermas e as fronteiras das terras indefinidas, onde se acreditava que habitavam criaturas lendárias. De repente, um dos que cavalgavam na vanguarda deu com pegadas sinistras na areia às margens de um regato. Chamaram o fazendeiro.

— O que são essas coisas, Mestre Ægidius? — perguntaram.

— Pegadas de dragão — respondeu ele.

— Vá na frente! — disseram eles.

Agora seguiam para oeste com Mestre Giles à sua frente, e todos os anéis tilintavam em sua jaqueta de couro. Isso pouco importava; pois todos os cavaleiros iam conversando e rindo, tendo ainda ao lado um menestrel que cantava uma balada. De tempos em tempos eles chegavam ao refrão da canção e cantavam todos juntos, suas vozes muito altas e fortes. Era encorajador, pois a canção era boa — havia sido composta em dias antigos, quando as batalhas eram mais comuns que os torneios; porém, era imprudente. Sua chegada já era sabida por todas as criaturas daquelas terras, e os dragões estavam apurando os ouvidos em todas as cavernas do oeste. Não havia mais a menor chance de pegarem o velho Crisofilax tirando uma soneca.

Quis a sorte (ou a própria égua cinzenta) que, quando eles finalmente se aproximaram da sombra das escuras montanhas, a montaria de Mestre Giles começasse a mancar. Nesse ponto, haviam passado a cavalgar por caminhos íngremes e pedregosos, subindo com grandes esforços e uma crescente inquietação. Pouco a pouco a égua foi ficando para trás, tropeçando e coxeando, mas com um ar tão paciente e tristonho que Mestre Giles sentiu-se no dever de apeiar e andar. Logo encontravam-se na retaguarda, entre os pôneis de carga; mas ninguém os notou. Os cavaleiros tinham sua atenção desviada para uma discussão sobre questões de precedência e etiqueta. Não fosse por isso, teriam observado que as pegadas de dragão eram mais evidentes e numerosas.

Na realidade, eles haviam chegado aos locais em que Crisofilax sempre vagava ou pousava após fazer seus exercícios aéreos diários. As colinas mais baixas e as encostas em cada lado do caminho tinham o aspecto chamuscado e pisoteado. Havia pouca grama, e os troncos retorcidos da urze e do tojo destacavam-se entre largos trechos de cinzas e terra queimada. Aquela região fora uma espécie de parquinho para dragões por vários anos. A escura encosta de uma montanha erguia-se diante deles.

Mestre Gil se preocupava com sua égua; estava, porém, feliz pela desculpa para não estar mais tão claramente visível. Não havia gostado de cavalgar na frente daquela caravana em lugares tão sombrios e incertos. Pouco depois estaria ainda

mais feliz e com motivos para agradecer à boa sorte (e à sua égua). Isso porque, lá pelo meio-dia — no sétimo dia de sua cavalgada, que era dia da Festa da Candelária —, Mordedora-de-Caudas saltou para fora de sua baina, e o dragão, para fora de sua caverna.

Sem aviso ou formalidade, ele se lançou à batalha. Desceu sobre eles com fúria e rugidos. Longe de casa, não havia se comportado com demasiada coragem, apesar de sua linhagem imperial e antiga. Mas agora estava tomado por imensa ira; pois lutava diante de seus próprios portões, por assim dizer, e com todo seu tesouro a defender. Ele contornou a encosta da montanha feito uma torrente de raios, fazendo barulhos feito uma ventania e uma rajada de relâmpagos vermelhos.

A discussão sobre quem teria precedência parou na hora. Todos os cavalos recuaram, para um lado ou outro, e alguns dos cavaleiros caíram. Os pôneis com a bagagem e os servos deram meia-volta e correram dali. Eles não tinham dúvida alguma quanto à ordem de precedência.

De súbito, veio uma nuvem de fumaça que sufocou a todos, e bem no meio dela o dragão trombou com os que estavam na frente. Vários cavaleiros foram mortos antes que pudessem ao menos lançar seu desafio formal para entrar em combate, e muitos outros foram derrubados com cavalo e tudo. Quanto aos restantes, suas montarias se encarregaram deles: deram a volta e fugiram, levando seus donos dali, quisessem ou não. A maioria deles queria isso mesmo, sem dúvida.

A velha égua cinzenta, entretanto, nem se moveu. Talvez estivesse com medo de quebrar as pernas no caminho íngreme e pedregoso. Talvez estivesse cansada demais para correr. Ela sabia, em seu íntimo, que dragões alados são bem piores atrás de você que na sua frente, e que precisaria de mais velocidade que um cavalo de corrida para que a fuga fosse viável. Além disso, ela já vira aquele Crisofílix antes, e lembrava-se de persegui-lo por campos e riachos em sua própria terra, até que ele se deitara, manso, na rua do vilarejo. De qualquer forma, ela se postou com as pernas abertas, bem firmes, e bufou. Mestre Giles ficou tão pálido quanto seu rosto permitiu, mas permaneceu ao lado dela; não havia mais nada a fazer.



E foi assim que o dragão, ao atacar a linha de frente, de repente viu seu velho inimigo bem diante de si, com Mordedora-de-Caudas na mão. Era a última coisa que esperava. Desviou-se para o lado, como se fosse um enorme morcego, e despencou na encosta próxima à estrada. A égua cinzenta veio vindo, totalmente esquecida de mancar. Mestre Giles, agora com mais coragem, havia se apressado a montar.

— Desculpe-me a pergunta — disse ele —, mas você estava procurando por mim, por acaso?

— Não, de jeito nenhum! — respondeu Crisofilax. — Quem poderia imaginar encontrá-lo por aqui? Eu só saí para voar um pouco.

— Então nos encontramos por sorte — comentou Giles —, e o prazer é meu, porque estava à *sua* procura. E tem mais: tenho um problema para discutir com você; vários problemas, na verdade.

O dragão bufou. Mestre Giles sacudiu o braço para afastar o bafo quente e, com um clarão, Mordedora-de-Caudas saltou à frente, chegando perigosamente perto do focinho do dragão.

— Ei! — exclamou ele, parando de bufar. Começou a tremer e recuou, enquanto todo o seu fogo esfriava. — Espero que você não tenha vindo aqui para me matar, meu bom senhor? — ele choramingou.

— Não! Não! — respondeu o fazendeiro. — Eu não disse nada sobre matar alguém.

A égua cinzenta fungou.

— Então, posso perguntar o que está fazendo junto com todos esses cavaleiros? — indagou Crisofilax. — Cavaleiros sempre matam dragões, se não os matarmos primeiro.

— Não estou fazendo nada junto com eles, de jeito nenhum. Não significam nada para mim — disse Giles. — Além disso, agora estão todos mortos ou fugidos. E quanto àquilo que você disse no último Dia de Reis?

— O que é que tem isso? — perguntou o dragão, com ansiedade.

— Você está quase um mês atrasado — declarou Giles —, e o pagamento está vencido. Vim aqui para cobrar. E você deveria me pedir desculpas por todo o trabalho que tive.

— Eu peço, de verdade! — disse ele. — Gostaria que não tivesse se preocupado em vir.

— Vai lhe custar cada pecinha do seu tesouro desta vez, e nada de truques — disse Giles —, ou você morre, e eu vou pendurar sua pele na torre da igreja como advertência.

— Isso é muito cruel! — disse o dragão.

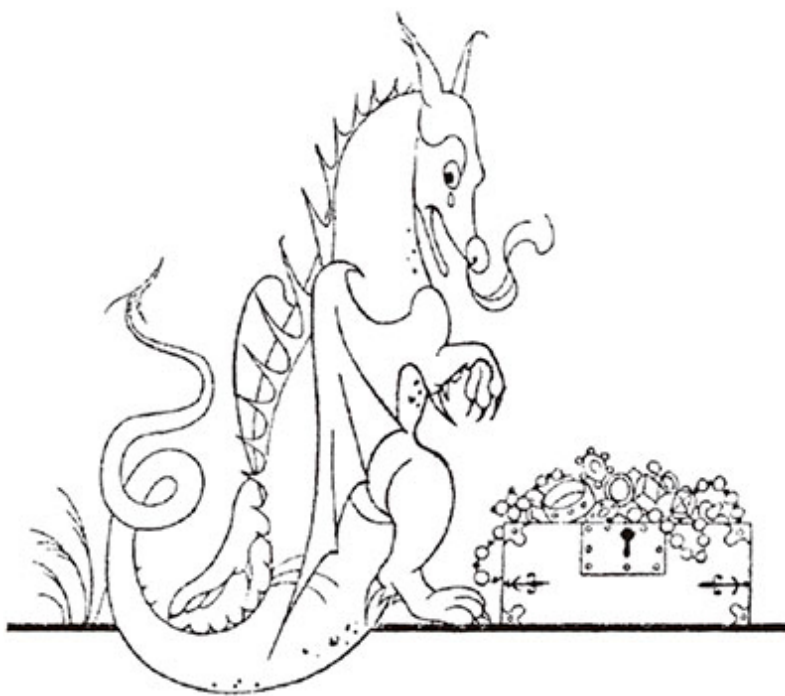
— Um trato é um trato — retrucou Giles.

— Será que eu não posso ficar com um ou dois anéis e um tiquinho de ouro, considerando que o pagamento será à vista? — tentou ele.

— Nem mesmo com um botão de latão — declarou Giles.

Nesse tom eles continuaram por um tempo, regateando e discutindo como pessoas numa transação. Contudo, o fim da história foi o que se poderia esperar; pois, digam o que digam, muito pouca gente já havia ganhado de Mestre Giles em uma negociação.

O dragão teve de andar por todo o caminho de volta para sua caverna, já que Giles seguia a seu lado segurando Mordedora-de-Caudas bem perto. Um caminho estreito subia e contornava a montanha, e mal havia espaço para os dois.



A égua vinha logo atrás deles e parecia bastante pensativa.

Eram cinco milhas, no mínimo, de caminhada rija; Giles caminhava com dificuldade, ofegando e bufando, mas nunca tirando o olho da serpe. Por fim, no lado oeste da montanha, chegaram à boca da caverna. Era enorme, negra e proibitiva, e suas portas de bronze estavam presas a grandes pilares de ferro. Certamente aquele havia sido um lugar de força e orgulho em dias há muito esquecidos; pois dragões não constroem tais obras nem escavam tais minas, mas preferem habitar, quando podem fazê-lo, tumbas e esconderijos de tesouros dos poderosos homens e gigantes de antigamente. As portas daquela morada profunda estavam abertas, e eles estacaram à sua sombra. Até ali Crisofilax não tivera como escapar, porém, ao chegar a seus próprios portões, ele deu um salto à frente e preparou-se para mergulhar lá dentro.

Mestre Giles o atingiu com a parte plana da espada.

— Ei! — disse ele. — Antes que entre aí, tenho uma coisa para lhe dizer. Se não voltar para cá bem depressa, trazendo algo de valor, entro atrás de você e corto fora sua cauda, só para começar.

A égua fungou. Ela não podia imaginar Mestre Giles entrando sozinho no covil de um dragão por nenhum dinheiro neste mundo. Mas Crisofilax estava pronto a acreditar nisso, com Mordedora-de-Caudas parecendo tão brilhante, afiada e tudo o mais. E talvez ele estivesse certo, e a égua, apesar de toda a sua sabedoria, ainda não tivesse compreendido a mudança que ocorrera com seu dono. Mestre Giles

estava apostando na sorte, e, após dois confrontos, já começava a imaginar que nenhum dragão poderia enfrentá-lo.

De qualquer forma, Crisofilax reapareceu lá fora com enorme rapidez, trazendo vinte libras de ouro e prata, mais uma arca cheia de anéis, colares e outras coisas bonitas.

— Aí está! — disse ele.

— Onde? — perguntou Giles. — Isso não é nem metade do que é preciso, se foi o que você quis dizer. Nem representa metade do que você tem aí, posso jurar.

— Claro que não! — retrucou o dragão, bem perturbado ao notar que a esperteza do fazendeiro havia aumentado muito desde aquele dia no vilarejo. — Claro que não! Mas não consigo trazer tudo para fora de uma vez.

— Nem em duas vezes, eu aposto — disse Giles. — Entre lá de novo e trate de ser duas vezes mais rápido, ou vou lhe dar um gostinho da Mordedora-de-Caudas!

— Não! — protestou o dragão, tornando a entrar e sair em velocidade dupla. — Aí está! — disse ele, baixando uma enorme carga de ouro e duas arcas cheias de diamantes.

— Agora tente de novo! — comandou o fazendeiro. — E se esforce mais!

— É duro e cruel demais — gemeu o dragão, ao retornar à caverna.

Mas, àquela altura, a égua cinzenta estava começando a ficar ansiosa por conta própria. Pensava: “Quem vai carregar todo esse peso para casa, eu me pergunto?” E lançou um olhar tão triste e demorado para os sacos e baús que o fazendeiro adivinhou o que ela tinha em mente.

— Não se preocupe, garota! — disse ele. — Faremos a velha serpe tratar do carroto.

— Misericórdia! — gemeu o dragão, que entreouveu aquelas palavras ao deixar a caverna pela terceira vez, com a maior carga de todas e uma pilha de pedras preciosas refulgindo em verde e vermelho. — Tenha compaixão! Se me fizer carregar tudo isso, será como me condenar à morte. Eu não aguentaria levar um saco a mais que fosse, nem se me matasse por conta disso.

— Então há mais ainda, não há? — indagou o fazendeiro.

— Sim — respondeu o dragão —, o bastante para que eu continue a ser respeitado.

O que dizia estava bem próximo à verdade, coisa que ele fazia muito raramente; e falava com sensatez, como depois se veria.

— Se me deixar ficar com o que restou — propôs, com esperteza —, serei seu amigo para sempre. Carregarei todo este tesouro de volta à casa de Vossa Senhoria, e não à casa do Rei. E tem mais: eu o ajudarei a mantê-lo.

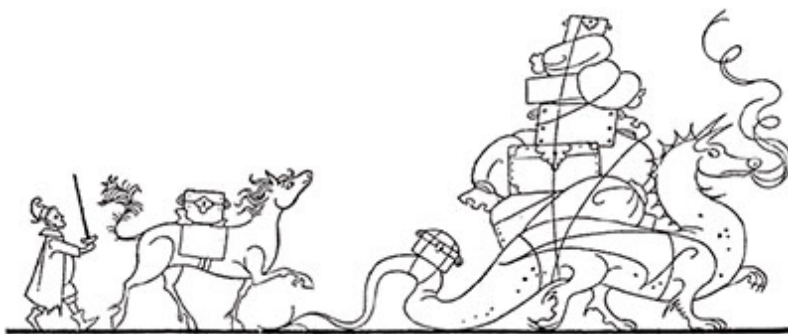
Então o fazendeiro pegou um palito para cutucar o dente com a mão esquerda e, por um minuto, refletiu com bastante seriedade. Então, disse:

— Feito!

Com isso, ele demonstrava uma admirável prudência. Um cavaleiro teria teimado em exigir todo o tesouro, e teria recebido uma maldição sobre este. E, com grande probabilidade, se Giles houvesse levado a serpe ao desespero, o dragão teria se revoltado e lutado até o fim, com Mordedora-de-Caudas ou sem ela. Nesse caso, se Giles não morresse antes, teria sido obrigado a matar seu meio de transporte e deixar a maior parte do que ganhara nas montanhas.

Bem, a coisa terminou assim. O fazendeiro encheu os bolsos de joias, para o caso de algo sair errado; e deu à égua cinzenta uma carga pequena para levar. Todo o resto ele prendeu às costas de Crisofilax em baús e sacos, até que ele ficasse parecido com um caminhão carregando a mobília do palácio real. Não havia a menor chance de o dragão sair voando, pois a carga era enorme, e Giles havia amarrado suas asas.

“No final, essa corda foi bem útil”, pensou ele, lembrando-se do pároco com gratidão.



E assim o dragão seguiu a trote, bufando e ofegando, com a égua logo atrás dele, e com o fazendeiro brandindo Mordedora-de-Caudas, brilhante e ameaçadora. Ele não ousou tentar nenhum truque.



Apesar da carga, a égua e o dragão foram mais rápidos na volta que todo o cortejo fizera na ida. Pois Mestre Giles estava com pressa — e a pouca comida nas bolsas não era a menor das razões. Ele também não confiava em Crisofilax, depois que este quebrara juramentos tão solenes e respeitáveis, e estava imaginando como conseguiria passar aquela noite sem mortes ou grandes perdas. Porém, antes de a noite cair, teve sorte de novo; pois alcançaram meia dúzia dos servos e pôneis que haviam fugido a toda pressa e que agora vagavam perdidos nas Colinas Ermas. Espantados e com medo, eles se espalharam, mas Giles os chamou de volta.

— Ei, rapazes! — disse. — Voltem! Tenho trabalho para vocês, e bons salários, enquanto durar esta bolada.

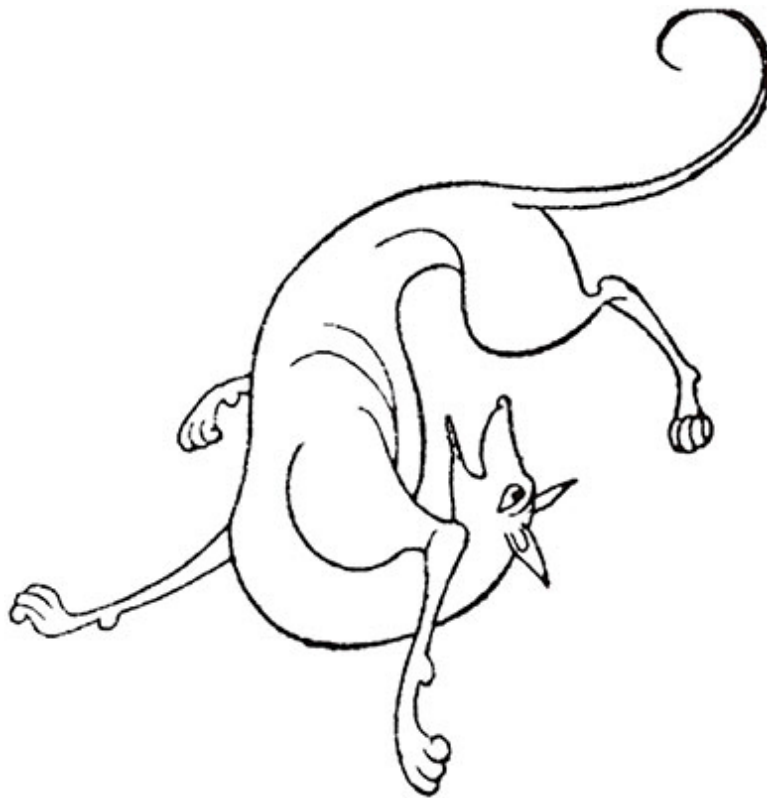
Eles entraram, então, ao seu serviço, contentes por terem um guia e pensando que poderiam até receber seus salários com mais regularidade que antes. Seguiram adiante: sete homens, seis pôneis, uma égua e um dragão; e Giles começou a se sentir feito um grande senhor e a estufar o peito. Paravam o mínimo possível. À noite, Mestre Giles amarrou o dragão a quatro espeques, um para cada perna, com três homens a vigiá-lo em turnos. A égua cinzenta, porém, dormiu com metade de um olho aberto, para o caso de os homens tentarem algum truque por sua conta.

Depois de três dias, estavam de volta às fronteiras de sua terra; e sua chegada causou imensa admiração e tumulto, como jamais se vira antes entre os dois mares. No primeiro vilarejo em que pararam, receberam comida e bebida de graça, e metade dos jovens locais quis unir-se ao cortejo. Giles escolheu uma dúzia dos rapazes mais aptos. Prometeu-lhes bons salários e comprou para eles tantas montarias quantas conseguiu obter. Estava começando a ter ideias.

Após descansar por um dia ele retomou a cavalgada, com a nova escolta atrás de si. Eles cantavam baladas em sua honra: rústicas e improvisadas, mas soavam bem aos seus ouvidos. Alguns cidadãos davam vivas e outros riam. Era uma visão ao mesmo tempo alegre e maravilhosa.

Logo Mestre Giles fez um desvio para o sul e tomou o rumo de sua própria casa, jamais se aproximando da corte do Rei, nem enviando qualquer mensagem. Contudo, a notícia da volta de Mestre Ægidius espalhava-se como um fogo vindo do oeste; e houve grande espanto e confusão. Pois sua vinda dava-se exatamente após uma proclamação real, ordenando que todas as cidadezinhas e vilarejos fizessem luto pela queda dos bravos cavaleiros na travessia das montanhas.

Para onde quer que Giles fosse, o luto era abandonado, tratava-se de repicar os sinos e as pessoas se amontoavam ao longo das estradas a gritar e acenar com seus gorros e lenços. Mas tanto vaiavam o pobre dragão que ele começou a se arrepender amargamente do acordo que fizera. Era humilhação demais para alguém de linhagem tão antiga e imperial. Quando retornaram a Aldeia, todos os cachorros latiam para ele com desprezo. Todos, menos Ganido: ele tinha olhos, ouvidos e focinho apenas para seu dono. Na verdade, ele perdeu totalmente a cabeça e dava cambalhotas pela rua inteira.



Aldeia, naturalmente, deu ao fazendeiro uma recepção magnífica; mas é provável que nada o tenha agradado mais que descobrir que o moleiro não encontrava palavras para zombar dele e que o ferreiro estava completamente sem graça.

— Este não é o final da história, ouçam o que eu digo! — exclamou o ferreiro; mas não conseguiu pensar em nada pior para dizer e tombou a cabeça, pessimista.

Mestre Giles, com seus seis homens, os doze aptos jovens, o dragão e tudo o mais, subiu a colina, e lá todos permaneceram quietos por um tempo. Somente o pároco foi convidado a visitar a casa.



As notícias logo alcançaram a capital e, esquecidas do luto oficial e de seus negócios também, as pessoas reuniram-se nas ruas. Houve muita gritaria e barulho.

O Rei encontrava-se em sua enorme casa, roendo as unhas e repuxando a própria barba. Entre a aflição e a raiva (e a ansiedade financeira), seu humor estava tão sombrio que ninguém ousava ir falar com ele. Porém, por fim a barulheira da cidade chegou a seus ouvidos; aquilo não se parecia nada com luto nem choradeira.

— Por que todo esse barulho? — ele quis saber. — Digam ao povo para entrarem em suas casas e chorarem pelos mortos com decência! Esses sons lembram mais uma festa do ganso!

— O dragão voltou, senhor — responderam-lhe.

— O quê? — disse o Rei. — Convoquem nossos cavaleiros, ou o que restou deles!

— Não é preciso, senhor — foi a resposta. — Com Mestre Ægidius de olho nele, o dragão está mais manso que nunca. Foi o que nos informaram. As notícias são recentes, e os relatos são contraditórios.

— Aleluia! — exclamou o Rei, parecendo tremendamente aliviado. — E pensar que encomendamos um Réquiem a ser cantado pelo sujeito para depois de amanhã! Mandem cancelar. Temos algum sinal de nosso tesouro?

— Os relatos dizem que se trata de uma verdadeira montanha, senhor — responderam-lhe.

— Quando chegará? — disse o rei com ansiedade. — Um bom homem, esse Ægidius. Tragam-no à nossa presença assim que ele aparecer!

Houve alguma hesitação para responderem a isso. Por fim, alguém tomou coragem e disse:

— Com seu perdão, senhor, é que ouvimos dizer que o fazendeiro seguiu rumo à sua própria casa. Mas sem dúvida ele virá depressa para cá, com trajes adequados, na primeira oportunidade.

— Sem dúvida — comentou o Rei. — Que se danem seus trajes! Ele não tinha nada de ir para casa sem apresentar-se aqui. Estamos muito descontentes!



A primeira oportunidade se apresentou e passou, assim como passaram várias outras. De fato, fazia uma semana ou mais que Mestre Giles havia voltado, e nenhum recado ou notícia dele chegava à corte.

No décimo dia, a fúria do Rei explodiu.

— Mandem chamar o sujeito! — disse ele; e assim fizeram.

Era um dia de difícil cavalgada até Aldeia, na ida ou na volta.

— Ele não vem, senhor! — disse um trêmulo mensageiro, dois dias depois.

— Relâmpagos celestes! — disse o Rei. — Ordenem que ele venha até a próxima terça-feira, ou será jogado na prisão pelo resto da vida!

— Perdão, senhor, mas ele ainda diz que não virá — disse um mensageiro verdadeiramente aflito, ao retornar sozinho na terça-feira.

— Com dez mil trovões! — exclamou o Rei. — Levem este idiota para a prisão no lugar do outro! E agora enviem alguns homens para me trazer aquele plebeu acorrentado! — berrou ele para quem estava por perto.

— Quantos homens? — todos hesitavam. — Tem um dragão lá... e Mordedora-de-Caudas... e...

— E cabos de vassoura e mais besteiras! — disse o Rei.

Então ele mandou trazerem seu cavalo branco, convocou seus cavaleiros (ou o que restava deles) e uma companhia de homens de armas e partiu da corte pegando fogo de tanta raiva. Toda a população saiu correndo de suas casas, surpresa.

Porém, Mestre Giles tinha agora se tornado mais que o Herói do Interior: era o Queridinho da Nação; e o povo não aplaudia os cavaleiros e os homens de armas quando passavam, embora ainda tirassem os chapéus diante do Rei. À medida que ele se aproximava de Aldeia, os olhares se tornavam mais carrancudos; em alguns vilarejos as pessoas trancavam suas portas e não se via um único rosto.

Nesse ponto, o Rei passou de uma raiva ardente para uma fúria gelada. Tinha o aspecto sombrio quando, por fim, cavalgou até o rio, além do qual ficavam Aldeia e a casa do fazendeiro. Sua ideia era de queimar a casa até não sobrar nada. Mas lá estava Mestre Giles na ponte, montado na égua cinzenta e com Mordedora-de-Caudas na mão. Não se via mais ninguém, exceto Ganido, que estava deitado na estrada.



— Bom dia, senhor! — disse Giles, animado como uma manhã de sol, sem esperar que o outro falasse primeiro.

O Rei o olhou com frieza.

— Seus modos são inadequados à nossa presença — retrucou ele —, porém isso não é desculpa para não se apresentar quando é convocado.

— Eu nem tinha pensado nisso, senhor, é a pura verdade — disse Giles. — Tinha uns assuntos meus para resolver e já havia gastado tempo demais com as suas incumbências.

— Com dez mil trovões! — gritou o Rei, de novo pegando fogo de raiva. — Vão para o diabo, você e sua insolência! Não vai receber nenhuma recompensa depois disso; terá sorte se escapar de ser enforcado. E acabará sendo mesmo, se não implorar nosso perdão aqui e agora e nos devolver nossa espada.

— Hã? — estranhou Giles. — Já recebi minha recompensa, eu acho. Quem encontra, guarda, e quem guarda, tem; é um ditado comum por aqui. E penso que Mordedora-de-Caudas está melhor comigo do que com o seu pessoal. Falando nisso, por sinal, para que todos esses cavaleiros e homens? — perguntou. — Se o senhor veio me visitar, seria bem-vindo com menos. Se veio me prender, precisaria de muitos mais.

O Rei engasgou, os cavaleiros ficaram muito vermelhos e olharam para o chão. Alguns dos homens de armas sorriram, já que o Rei estava de costas para eles.

— Entregue-me a minha espada! — berrou o Rei, recuperando a voz, mas esquecendo de usar o plural.

— Entregue-nos sua coroa! — disse Giles; um comentário surpreendente, como jamais fora ouvido antes, em todos os tempos do Reino Médio.

— Relâmpagos celestes! Peguem-no e o amarrem! — berrou o Rei, para lá de enfurecido, e com razão. — Por que estão demorando? Prendam-no ou acabem com

ele!

Os homens de armas avançaram.

— Socorro! Socorro! Socorro! — gritou Ganido.



Foi bem naquele momento que o dragão saiu de baixo da ponte. Havia estado ali, escondido sob a margem oposta, no fundo do rio. Soltou então uma nuvem de vapor tremenda, pois havia bebido muitos galões de água. De uma só vez surgiu uma espessa névoa, e dentro dela só se podia ver os olhos vermelhos do dragão.

— Vão embora, seus tolos! — ele berrou. — Ou eu os farei em pedaços. Há cavaleiros que jazem, frios, no passo da montanha, e logo haverá mais neste rio. Todos os cavalos e todos os homens do Rei! — rugiu.

Então ele saltou para a frente e atingiu, com a garra, o cavalo branco do Rei; este galopou para longe, como a fugir dos dez mil trovões que o Rei sempre invocava. Os outros cavalos o seguiram com a mesma rapidez; alguns já haviam encontrado esse dragão antes e não gostavam nada dessa lembrança. Os homens de armas saíram correndo como puderam em todas as direções, menos a que dava em Aldeia.

O cavalo branco havia recebido só um arranhão e não pôde ir muito longe. O Rei o fez retornar, depois de um tempo. Ele era mestre de sua montaria, de qualquer forma; e ninguém poderia dizer que tinha medo de qualquer homem ou dragão que houvesse na face da terra. A névoa havia desaparecido quando ele voltou, mas também desapareceram todos seus cavaleiros e homens. Agora as coisas pareciam bem diferentes, com o Rei totalmente sozinho para conversar com um robusto fazendeiro, tendo consigo Mordedora-de-Caudas e mais um dragão.

Mas conversar não adiantou nada. Mestre Giles era teimoso. Não cederia, e muito menos enfrentaria o Rei numa luta, embora ele o tivesse desafiado para um duelo ali mesmo, naquela hora.

— Não, senhor! — disse, rindo. — Vá para casa e esfrie a cabeça! Não quero machucá-lo; mas seria melhor ir logo embora, ou não poderei responder pela serpe. Bom dia!

E assim terminou a Batalha da Ponte de Aldeia. Nem uma moedinha de todo o tesouro o Rei conseguiu, nem um pedido de desculpas de Mestre Giles, que estava começando a ter uma imagem extremamente boa de si mesmo. E mais: a partir daquele dia, o poder do Reino Médio chegou ao fim naquelas vizinhanças. Por muitas milhas ao redor, os homens passaram a considerar Giles como seu senhor. O Rei, apesar de todos os seus títulos, não conseguiu que nem um único homem se insurgisse contra o rebelde Ægidius, pois este havia-se tornado o Queridinho da Nação, e virou tema de canções; era impossível proibir todas as baladas que

celebravam seus feitos. A favorita das pessoas falava sobre o encontro na ponte, em uma centena de dísticos heroico-cômicos.

Crisofilax permaneceu por um bom tempo em Aldeia, o que foi bem lucrativo para Giles; pois o homem que tem um dragão de estimação é naturalmente respeitado. Ficou alojado no celeiro do dízimo, com a permissão do pároco, e lá era guardado pelos doze rapazes aptos. Foi assim que surgiu o primeiro dos títulos de Giles: *Dominus de Domito Serpente*, que significa, na língua comum, Senhor da Serpe Domesticada, abreviado para Senhor de Domes. Como tal, ele foi largamente honrado; porém ainda pagava um tributo simbólico ao Rei: seis rabos de boi e uma dose de cerveja preta, que eram entregues no dia de São Matias, por ser essa a data do encontro na ponte. Não demorou muito, contudo, para que fosse promovido de Senhor a Conde, e o cinturão do Conde de Domes era realmente bem comprido.

Após alguns anos, ele se tornou Príncipe Julius Ægidius, e o tributo cessou. Pois Giles, tendo se tornado fabulosamente rico, construiu para si um palácio de enorme suntuosidade e reuniu uma grande força de homens de armas. Muito brilhantes e alegres eram eles, já que seu equipamento era o melhor que o dinheiro podia comprar. Cada um dos doze rapazes aptos tornou-se um capitão. Ganido usava uma coleira de ouro e, enquanto viveu, perambulava à vontade, um cachorro orgulhoso e feliz, insuportável para com seus camaradas; é que esperava que todos os outros cães lhe prestassem o devido respeito, graças ao terror e esplendor que seu dono inspirava. A égua cinzenta viveu seus anos finais em paz e não dava pista alguma sobre suas ponderações.

No fim da história, é claro que Giles se tornou um rei, o Rei do Reino Pequeno. Foi coroado em Aldeia, com o nome de Ægidius Draconarius; porém, era mais conhecido como o Velho Giles da Serpe. Isso porque falar a língua do povo era a moda em sua corte, e nenhum de seus discursos era feito no latim dos livros. Sua esposa foi uma rainha de grande tamanho e majestade, e mantinha rígido controle sobre as contas domésticas. Não havia como contornar a Rainha Ágata — seria preciso dar ao menos uma longa caminhada.

Assim, Giles envelheceu e tornou-se venerável, com uma barba branca que lhe descia aos joelhos, uma corte muito respeitável (na qual o mérito sempre era recompensado) e com uma ordem de cavalaria totalmente nova. Eram eles os Serpêncios, e havia um dragão em seu estandarte: aqueles mesmos doze rapazes aptos foram seus membros mais antigos.

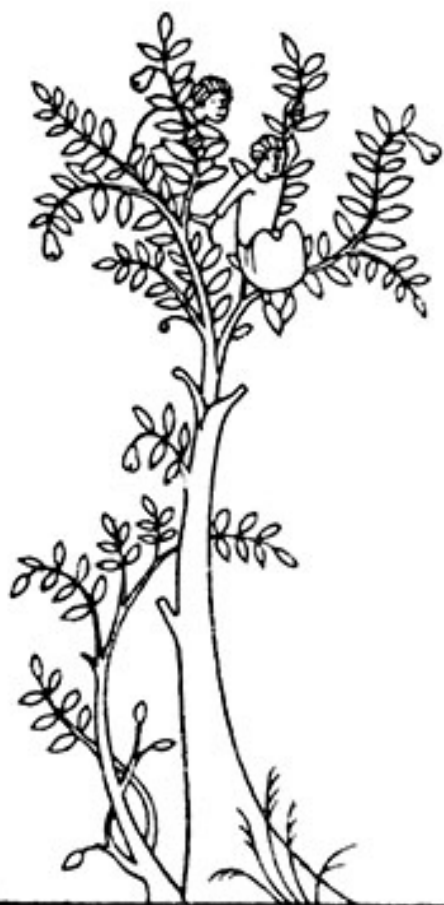
Podemos admitir que Giles devia sua ascensão, em grande medida, à sorte, embora tivesse demonstrado alguma esperteza em usá-la. Tanto a sorte como a esperteza o acompanharam até o fim de seus dias, para grande benefício de seus amigos e vizinhos. Recompensou o pároco com muita generosidade, e mesmo o ferreiro e o moleiro receberam seu quinhão. Pois Giles podia dar-se ao luxo de ser

magnânimo. Contudo, após tornar-se Rei, ele emitiu uma lei severa contra profecias desagradáveis, e tornou a moagem de cereais um monopólio real. O ferreiro mudou de ofício, virou agente funerário; mas o moleiro se tornou um adulator serviçal da coroa. O pároco foi promovido a bispo, e estabeleceu sua diocese na igreja de Aldeia, que foi devidamente ampliada.

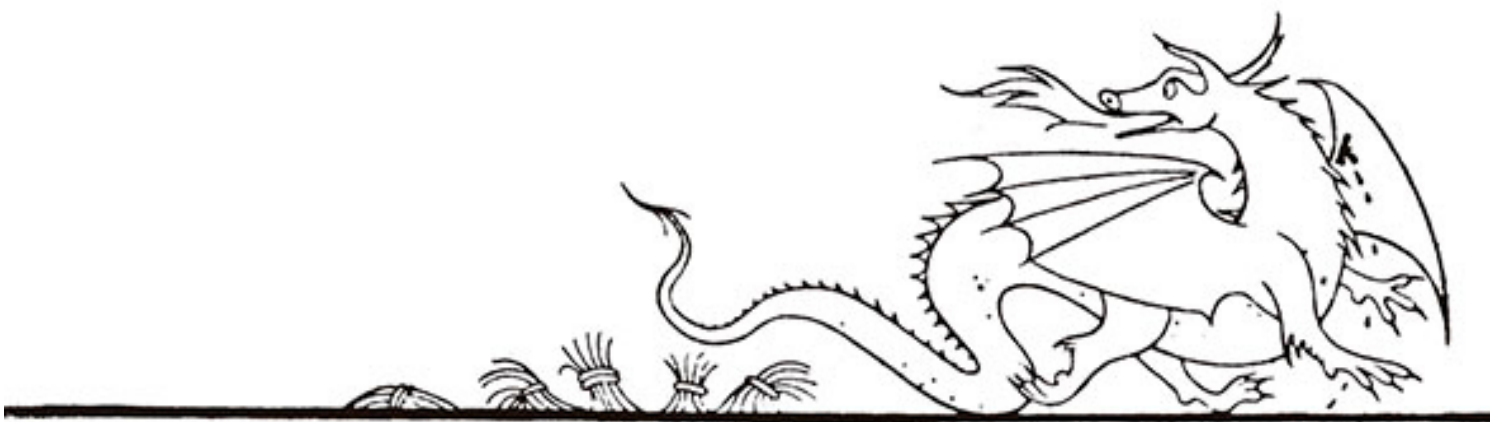


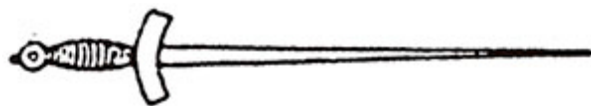
Quem ainda vive nas terras do Reino Pequeno pode observar nesta história a explicação verdadeira para os nomes que alguns de seus municípios e vilarejos ainda apresentam em nossos dias. Pois os estudiosos desses assuntos nos informam que Aldeia, tendo se tornado a capital do novo reino, devido a uma natural confusão entre o Senhor de Aldeia e o Senhor de Domes, passou a ser conhecida por esse último nome, que se mantém até hoje em dia; e é óbvio que chamá-la Thame^[06], com *t*, *h* e *a*, é uma bobagem sem tamanho. Entretanto, em homenagem ao dragão, sobre o qual sua fama e fortuna se fundaram, os Draconários construíram para si uma imensa mansão, quatro milhas a noroeste de Domes, no local exato em que Giles e Crisofílix se conheceram. Tal lugar se tronou conhecido em todo o reino como *Aula Draconaria*, ou, na língua comum, Casa-da-Serpe, em homenagem ao nome do rei e à sua bandeira.

O aspecto das terras mudou muito desde aqueles tempos, reinos surgiram e se foram; matas tombaram, rios mudaram seu curso e apenas as colinas permanecem, mesmo que desgastadas pela chuva e pelo vento. Mas ainda o nome perdura, embora hoje alguns pronunciem Domes como Thame (foi o que me disseram), já que os vilarejos perderam sua altivez. Porém, nos dias de que fala este conto, a mansão era mesmo a Casa-da-Serpe, uma Sede Real, e o estandarte-do-dragão tremulava acima das árvores, e todas as coisas corriam bem e com alegria, enquanto Mordedora-de-Caudas se encontrava acima do chão.



Epílogo





Crisofilax constantemente implorava por sua liberdade; e alimentá-lo era dispendioso, já que ele continuava a crescer, como fazem os dragões (tal como as árvores) enquanto neles houver vida. Assim aconteceu que, após alguns anos, quando Giles se sentia estabelecido com segurança, ele deixou a pobre serpe voltar para casa. Separaram-se com di-

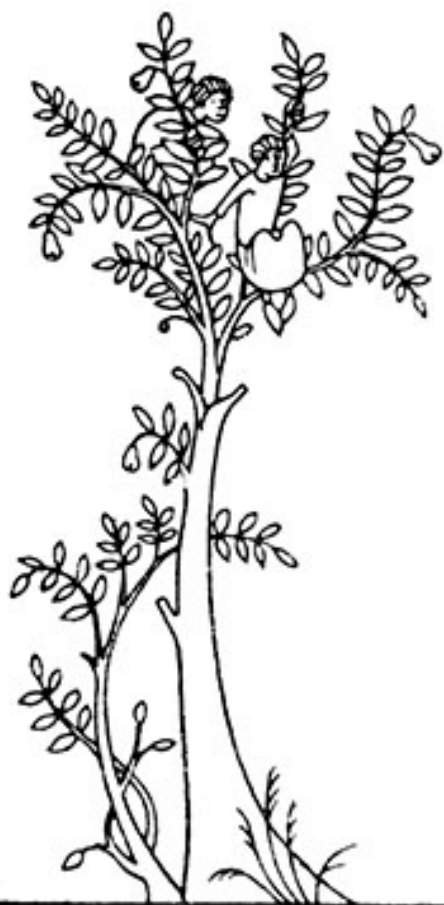
versas expressões de estima mútua e com um pacto de não agressão de ambas as partes. No mais profundo de seu coração, o dragão sentia tanta bondade para com Giles quanto um dragão podia sentir por qualquer pessoa. Além de tudo, havia Mordedora-de-Caudas: a espada poderia facilmente ter-lhe tirado a vida, e também todo o seu tesouro. A verdade é que ele ainda possuía uma enorme quantidade de tesouros em casa, na caverna (como Giles sempre suspeitara).

Voou de volta às montanhas, vagorosamente e com grande esforço, pois as asas mostraram-se desajeitadas pela longa falta de uso, e seu tamanho e sua carapaça haviam aumentado bastante. Chegando em casa, ele expulsou na mesma hora um jovem dragão que tivera a temeridade de fixar residência em sua caverna enquanto Crisofilax estivera ausente. Dizem que o rumor da batalha foi ouvido através de toda a região da Venedotia. Quando, com enorme satisfação, ele havia devorado o oponente caído, sentiu-se melhor, amenizaram-se as cicatrizes de sua humilhação, e ele dormiu por um bom tempo. Mas, por fim, ao acordar de repente, ele saiu em busca do mais alto e mais estúpido dos gigantes, que havia iniciado toda aquela confusão em uma noite de verão, fazia muito tempo. Disse-lhe tudo o que pensava daquilo, e o pobre sujeito ficou muito arrasado.

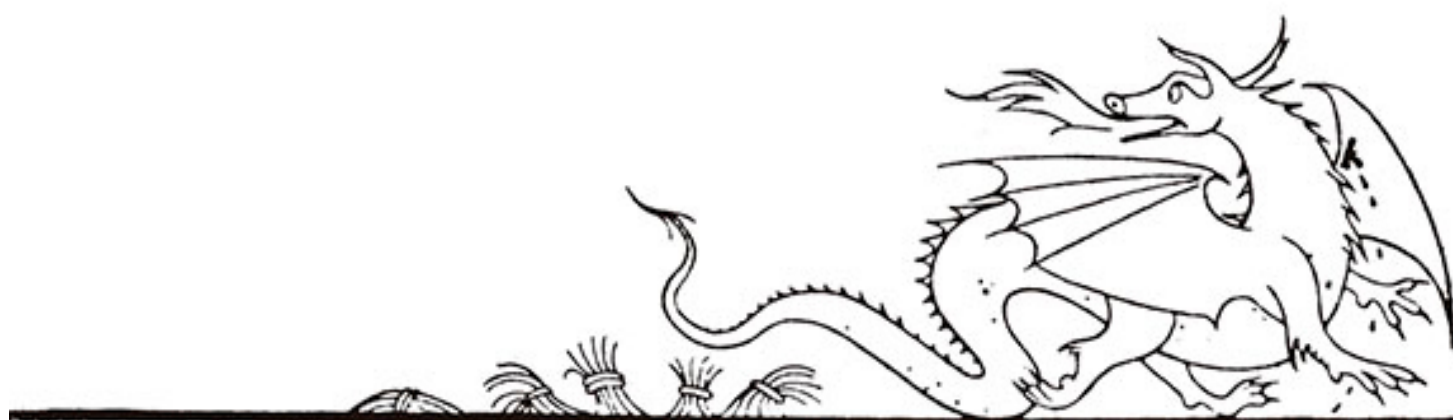
— Um bacamarte, foi isso? — disse ele, coçando a cabeça. — Achei que eram mosquitos!

Finis
Ou, na língua comum,
FIM





Galeria
de
imagens

















[[01](#)] Vinte milhas correspondem a uns 32 quilômetros, mais ou menos. Uma milha é equivalente a, aproximadamente, 1,6 quilômetros. [N. T.]

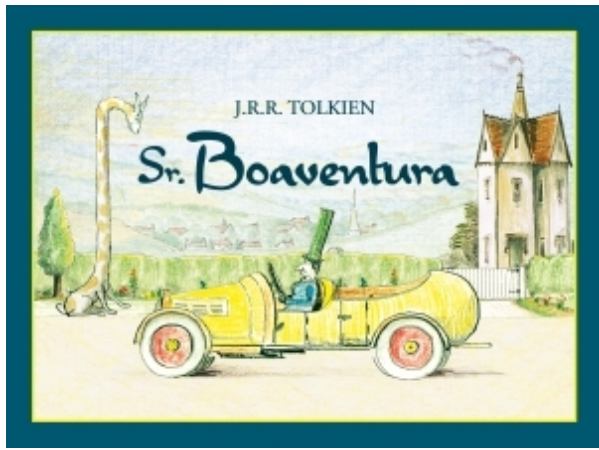
[[02](#)] Naquela região a distância era medida em léguas: 20 léguas são quase 100 quilômetros. [N. T.]

[[03](#)] O nome do dragão no original é *Chrisophylax Dives*, que significa “o Rico Guardião do Ouro”. [N. T.]

[[04](#)] Naquela região, o dia de São João era 27 de dezembro. [N. T.]

[[05](#)] Nesta história, o dinheiro usado era a antiga moeda da Grã-Bretanha. Uma libra era bastante dinheiro, e valia 20 xelins; cada xelim valia 12 pence. Um guinéu de ouro também valia mais ou menos o mesmo que 1 libra: 20 ou 21 xelins. [N. T.]

[[06](#)]*O nome original de Domes era Thame, que é pronunciado tame (em inglês, “domar”), com o “h” mudo. Para Tolkien, Thame é uma bobagem porque o “h” teria se intrometido no inglês vindo do francês, como aconteceu com outras palavras. Ainda hoje existe a cidade de Thame, próxima a Oxford, junto ao rio Thame (de onde vem seu nome). E esse rio deságua no rio Tâmisa (que, em inglês, chama-se Thames). [N. T.]



Sr. Boaventura

Tolkien, J.R.R.

9786555110517

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sr. Boaventura é uma história contada por J.R.R. Tolkien aos seus filhos pequenos na década de 1930. Além de escrever tudo à mão, Tolkien também fez as ilustrações que compõem o livro. Considerado um conto de excentricidade, seu enredo e desenhos são comparados a clássicos da literatura infantil como *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol, *Pedro Coelho*, de Beatrix Potter, e *A Book of Nonsense*, de Edward Lear. Sr. Boaventura é um sujeito metódico, que gosta de usar chapéus altos e está acostumado a uma vida pacata em sua casa de cômodos também altos, na companhia de Girafoelho, seu excêntrico bicho de estimação, que quase só acorda para comer. Um dia, Sr. Boaventura decide comprar um carro e visitar seus amigos, os Broncos. A partir de então, ele se mete em grandes enrascadas, envolvendo seus amigos e conhecidos nelas. Apesar de ser uma história bem diferente do restante da obra de Tolkien, mais voltada a crianças pequenas, Sr. Boaventura já tem alguns traços típicos do autor, como a sua crítica à modernidade e toques de insólito. O resultado é uma divertida história, cheia de ação e peripécias que garantem boas risadas a crianças e adultos.

[Compre agora e leia](#)



Cartas do Papai Noel

Tolkien, J.R.R

9786555110708

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

De 1920 a 1943, o aclamado autor de fantasia, J.R.R. Tolkien, assumiu a autoria de Papai Noel e escreveu, na época do Natal, cartas personalizadas aos seus filhos. Além de se dedicar ao conteúdo das cartas, o pai-autor se esmerava em fazer belos desenhos e uma letra especial para cada um dos principais personagens: Papai Noel, seu ajudante atrapalhado Urso Polar do Norte e, mais tarde, o elfo-secretário Ilbereth. Para dar mais emoção às suas histórias, o espontâneo Urso Polar e o responsável Papai Noel se relacionam com diversos personagens, dando um tom ainda mais dinâmico nos relatos. Havia Paksu e Valkotukka, os sobrinhos do Urso Polar, o Homem de Neve e muitos outros, como as inusitadas Aura Bora Real (Aurora Boreal) ou a Ursa Maior, que, além de ser uma constelação, era prima do Urso Polar do Norte. Nesses mais de vinte anos de contato entre o Papai Noel de Tolkien e seus filhos, você acompanha as mudanças históricas vividas pela Inglaterra de seu tempo, como a greve geral e Segunda Guerra Mundial. Além disso, é possível perceber o desenvolvimento do autor ao longo das décadas, pois Tolkien deixa derramar toques de suas descobertas narrativas, poéticas, linguísticas, caligráficas e ilustrativas em suas cartas ano a ano. Certamente é um grande presente de Natal para fãs ou não de Tolkien, de todas as idades.

[Compre agora e leia](#)



Blackbird Fly - aprendendo a voar

Kelly, Erin

9786555111064

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Apple Yengko acredita que existem ao menos três fatos interessantes sobre todas as pessoas do mundo. Infelizmente, seus três fatos fazem com que ela seja uma excluída em sua escola. Quando Apple é eleita a terceira menina mais feia da escola, sua vida começa a virar de cabeça para baixo bem rápido, e a música se torna sua única saída. Mas, aos poucos, a música, os Beatles, o sr. Z (o professor de música superlegal da escola) e, principalmente, seus dois novos e inesperados amigos mostram a Apple que, às vezes, ir contra a multidão é melhor do que se perder nela.

[Compre agora e leia](#)



Ana Cláudia Munhoz Bonassa
Laura Marise de Freitas
Renan Vinicius de Araújo



SUPER-HERÓIS DA CIÊNCIA



52 BRASILEIROS E
SUAS PESQUISAS
TRANSFORMADORAS



DESCUBRA O
QUAL VOCE
PRECISA
PARA SER UM
CIENTISTA

harparkids

Super-Heróis da Ciência

Araújo, Renan Vinicius de

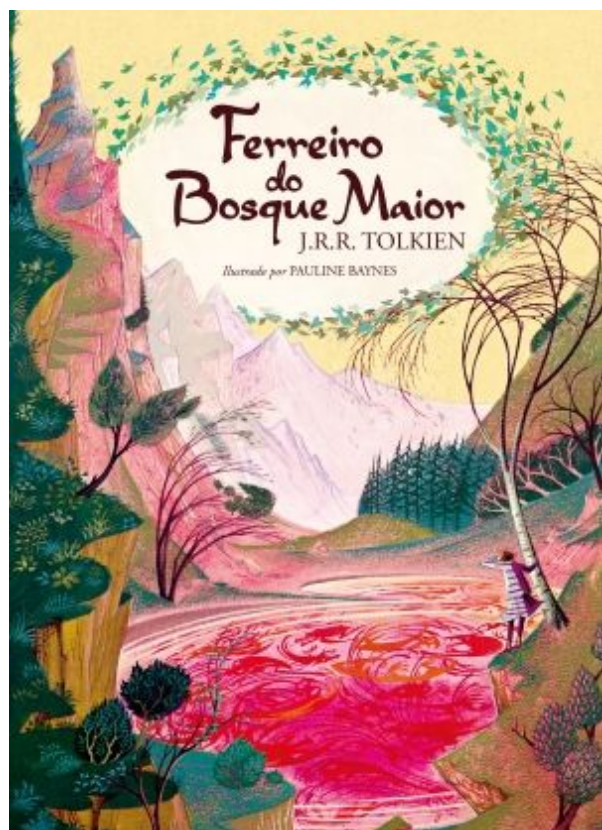
9786555111323

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Miguel Nicolelis criou um controle remoto ativado pela mente. Helena Nader descobriu uma importante função do açúcar no nosso corpo. Carlos Chagas descreveu – adivinhe! – a doença de Chagas e Bertha Lutz catalogou novas espécies de rãs enquanto lutava pelos direitos das mulheres. A trajetória desses e de muitos outros cientistas brasileiros, suas descobertas incríveis e seus trabalhos pra lá de inovadores são contados aqui, com muito bom humor, pelas apresentadoras do canal Nunca Vi 1 Cientista, Ana Bonassa e Laura Marise, e por Renan de Araújo, do grupo Via Saber. Em textos descontraídos, acompanhados por ilustrações coloridas, o leitor conhecerá a história por trás de grandes descobertas, como tratamentos para doenças, soro contra venenos de cobras, medidas para preservar o meio ambiente. E ainda vai aprender, com um passo a passo detalhado, como se tornar um cientista!

[Compre agora e leia](#)



Ferreiro do Bosque Maior

Tolkien, J.R.R.

9786555111286

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Bosque Maior é uma vila conhecida por suas delícias culinárias e pela tradicional Festividade das Boas Crianças. Celebrada a cada 24 anos, a festa tem como ponto alto o Grande Bolo, o qual é dividido em 24 pedaços para as 24 crianças convidadas. Naquele ano, o bolo carrega em uma de suas fatias uma estrela mágica, passaporte para Feéria, o Reino das Fadas. O premiado é o jovem Ferreirinha, que recebe a oportunidade de conhecer maravilhas e perigos ocultos jamais vistos por olhos mortais.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[Mestre Giles d’Aldeia](#)

[Epílogo](#)

[Galeria de imagens](#)